SABEDORIA E PENSAMENTO SABEDORIA E PENSAMENTO

COROA

Krishnamurti

A Mente e o Medo

EDIOURO/611

SABEDORIA E PENSAMENTO SABEDORIA E PENSAMENTO

SABEDORIA E PENSAMENTO

Indicado em cursos de Filosofia, Teologia, Sociologia, Letras, Comunicação e História

A Mente e o Medo

Este é mais um livro de bolso de alta qualidade produzido pela

Capa: Lee

611

A Mente e o Medo

JIDDU KRISHNAMURTI, teósofo hindu, nasceu em Madras, Índia, em 1895 (ou 1897, segundo alguns historiadores). Foi educado na Inglaterra, onde suas idéias despertaram grande interesse. Em 1923, Annie Besant afirmou ser ele o Mestre do Mundo, organizando-se na Europa a Ordem da Estrela do Oriente, com sede em Ommen (Holanda) e seções nacionais, inclusive no Brasil (Instituição Cultural Krishnamurti, Rio de Janeiro).

Krishnamurti viveu todo o período de agitação do seu país, presenciando as lutas sangrentas que dividiram a Índia. Seu pensamento revolucionário logo se impôs, atraindo multidões para ouvir as suas conferências.

Krishnamurti combate todas as religiões, cultos e cerimônias, afirmando que não representam a total verdade, e que somente através do pensamento lógico o ser humano pode atingir um estágio elevado. Comprovando na prática as suas teorias, dissolveu em 1929 a Ordem da Estrela do Oriente, criada por seus seguidores e que pretendia apresentá-lo como o Mestre do Mundo.

Krishnamurti percorre o mundo, levando sabedoria e conhecimento, pronunciando as célebres conferências que o tornaram uma das maiores personalidades deste século.

Jiddu Krishnamurti

A MENTE E O MEDO

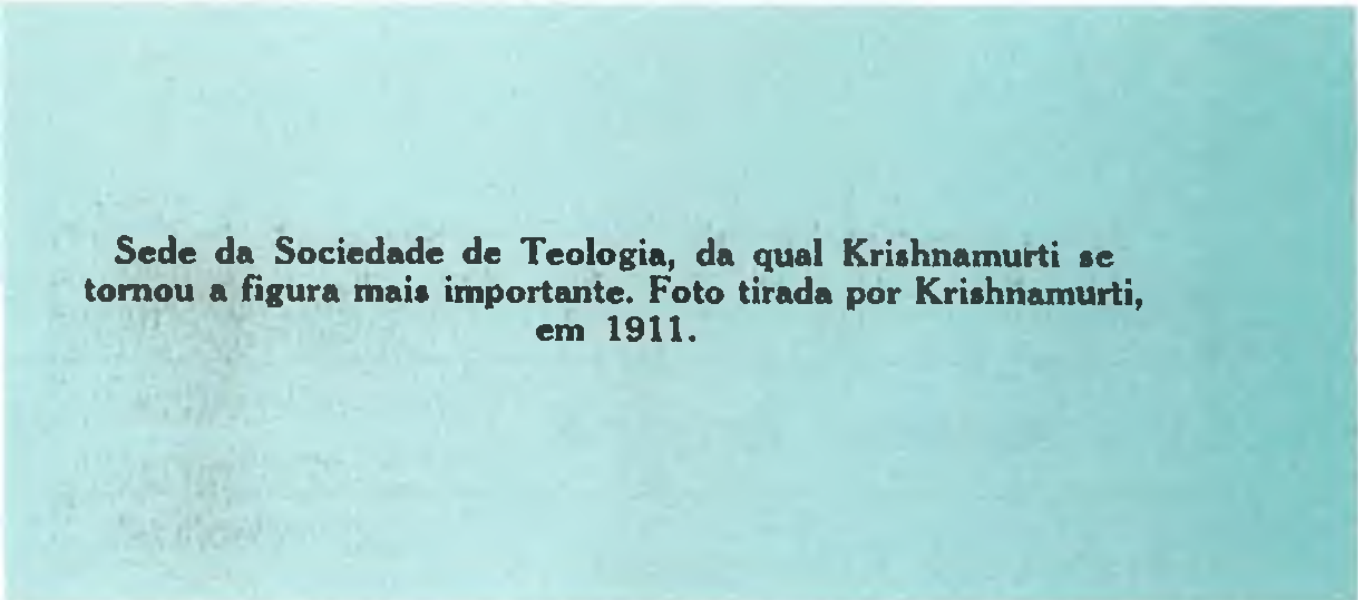
Tradução de:

Hugo Veloso

Desenhos de Myoung Youn Lee baseados em motivos de tapetes indianos.

As nossas edições reproduzem
integralmente os textos originais

EDITORA TECNOPRINT LTDA.

Índice

Sede da Sociedade de Teologia, da qual Krishnamurti se tornou a figura mais importante. Foto tirada por Krishnamurti, em 1911.

Londres, Estação Charing-Cross, maio de 1911. Nitya, a senhora Besant, Krishnamurti e George Arundale.

A senhora Besant, Leadbeater, Krishnamurti e Raja. Renares, Índia, dezembro de 1911.

O SABER

Reputo especialmente importante compreender-se a questão do conhecimento, do saber.

Nós, em geral, parecemos tão sequiosos de saber; estamos sempre a adquirir não só posses, coisas, mas também idéias. Andamos sempre de um instrutor para outro, de um livro, de uma religião, de um dogma, para outro. Passamos a vida adquirindo idéias, acreditando ser, essa aquisição, importante para a compreensão da existência.

Desejo, pois — se me é permitido — examinar esse problema, para ver se essa atividade de acrescentamento, por parte da mente, produz liberdade, e se o saber pode resolver algum problema humano.

O saber poderá resolver problemas superficiais, mecânicos; pode ele, porém, libertar a mente, tornando-a capaz de perceber de modo direto o que é verdadeiro? É sem dúvida importantíssimo compreender-se esta questão, porquanto sua compreensão nos levará à revolta contra

a mera metodologia, que constitui um obstáculo, salvo quando se trata de alcançar algum resultado mecânico.

Estou falando a respeito do processo psicológico da mente e considerando se é possível despertar a capacidade criadora individual — que naturalmente é da máxima importância, não achais?

A aquisição de saber, tal como o entendemos, gera capacidade criadora? Ou, para tornar-se capaz de conhecer esse estado criador, a mente deve estar livre de toda atividade acumuladora?

Quase todos nós lemos livros ou assistimos a conferências, com o fim de compreender; quando temos um problema, estudamo-lo, ou procuramos alguém para conversar sobre ele, esperando que assim o problema seja resolvido ou possamos descobrir algo novo. Estamos sempre recorrendo a outros ou à nossa própria experiência — que é na essência conhecimento — na esperança de resolvermos os numerosos problemas que se nos antepõem.

Recorremos aos intérpretes — os que dizem compreender algo mais — os intérpretes não só de palestras, mas também dos livros sagrados. Parecemos incapazes de ocupar-nos com um problema diretamente, sozinhos, sem contar com a ajuda de *ninguém*.

E não é importante averiguar se a mente, na sua atividade acumuladora, é capaz, em algum tempo, de resolver algum problema psicológico, espiritual? Não deve a mente achar-se *de todo* desocupada, para que possa perceber a verdade existente em qualquer conflito humano?

Espero tenhais paciência para examinar este problema não tão-só enquanto *eu* o descrevo, pois todos nós somos por ele atingidos.

Todos nós temos muitos problemas, e há evidente necessidade de uma transformação; mas pode a

transformação realizar-se pelo "processo" da mente? Refiro-me à transformação fundamental, e não à mera reforma sociológica ou econômica.

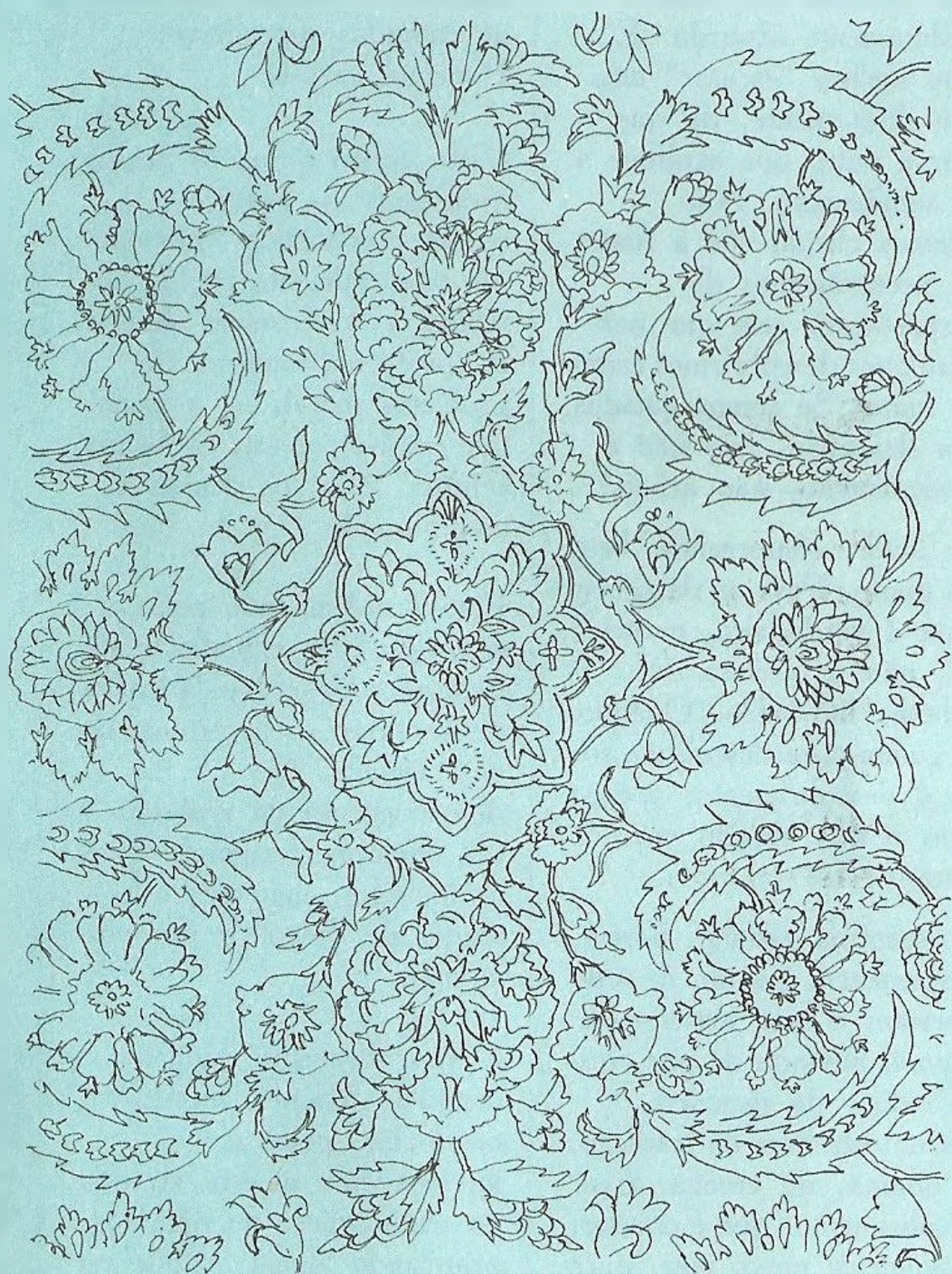
Sem dúvida, foi a mente que criou os nossos problemas; e pode ela resolver os problemas que criou? A solução desses problemas se encontra na aquisição de mais saber, de mais ilustração, no aprender novas técnicas, novos métodos, novos sistemas de meditação, no passar de um instrutor para outro?

Tudo isso é evidentemente muito superficial; e não importa averiguar o que é que torna a mente superficial, qual é a causa da superficialidade? Para a maioria de nós, o problema é este, não é? Somos muito superficiais, não sabemos examinar profundamente os nossos conflitos e os nossos problemas; e quanto mais recorremos a livros, a métodos, a exercícios, à aquisição de saber, tanto mais superficiais nos tornamos. Este é um fato óbvio.

Pode uma pessoa ler livros incontáveis, assistir a conferências altamente intelectuais, acumular vastos cabedais de ilustração; mas se não souber penetrar em si mesma, para descobrir a verdade, para compreender o processo total da mente, os seus esforços, por certo, só haverão de torná-la mais superficial ainda.

Nessas condições, ser-vos-á possível não permanecer meramente no nível superficial, verbal, mas descobrir o processo do vosso próprio pensar e transcender a mente? O que estou dizendo não é muito complicado. Estou apenas descrevendo o que se está passando dentro de cada um de nós; mas, se viveis no nível verbal, se a descrição vos satisfaz e achais desnecessário experimentar diretamente, então, estas palestras serão de todo inúteis.

Recorrereis, nesse caso, aos

Somos muito superficiais, não sabemos examinar profundamente os nossos conflitos e os nossos problemas; e quanto mais recorremos a livros, a métodos, a exercícios, à aquisição de saber, tanto mais superficiais nos tornamos.

intérpretes, aos que se propõem explicar-vos o que estou dizendo — coisa absolutamente absurda. É muito melhor "escutar" uma coisa diretamente, do que pedir a outro que explique a sua significação. Não podemos chegar-nos à fonte sem necessitarmos de interpretação, sem que nos guiem para descobrirmos como é a fonte? Se somos guiados para descobrir, isso não é descobrimento, não achais?

Por favor, compreendei bem este ponto. Para se descobrir o que é verdadeiro, o que é real, não se precisa de nenhuma indicação. Quando vos guiam para descobrir, isso não é descobrimento: apenas vedes o que alguém vos mostrou.

Se descobris sozinho, porém, a experiência é então de todo diferente; é uma experiência original, aliviada do passado, do tempo, da memória, inteiramente livre da tradição, do dogma, da crença. *Esse* descobrimento, que é criador, é *totalmente* novo; mas, para chegar a esse descobrimento, deve a mente ser capaz de penetrar e ultrapassar todas as camadas superficiais. Podemos fazê-lo?

Visto serem todos os nossos problemas — políticos, sociais, econômicos, pessoais — essencialmente problemas religiosos; visto serem reflexos do problema interior, do problema moral, — a menos que resolvamos este problema central, todos os demais se multiplicarão.

Esse problema não pode ser resolvido pelo expediente de seguirmos *alguém*, pela leitura de um livro, pela prática de uma técnica. No descobrimento da realidade, são inteiramente inúteis todos os métodos, uma vez que tendes de descobrir por vós mesmos.

O descobrimento implica completa independência, e a mente não pode ser independente se está vivendo de explicações, de palavras, praticando algum método ou

dependendo da tradução do problema feita por outro.

Nessas condições, compreendendo que, desde a infância, nossa educação, nosso ensino religioso, nosso ambiente social, concorreram todos para tornar-nos extremamente superficiais, pode a mente pôr de parte a sua superficialidade, esse constante "processo" de aquisição, negativa ou positiva, — pode ela pôr de parte tudo isso e ser, não como uma folha em branco, mas desocupada, criadoramente vazia, de modo que não esteja mais a fabricar seus próprios problemas e buscando solucioná-los?

Por certo, é por sermos superficiais que não sabemos penetrar profundamente, descer às profundezas de nós mesmos; e imaginamos poder alcançar essas profundezas aprendendo coisas ou ouvindo conferências.

Ora, que é que faz a mente superficial? Por favor, observai, sede cônscios de vosso próprio pensar, quando se vos coloca tal questão: que faz a mente superficial? Por que não pode a mente experimentar algo que é verdadeiro, existente além de suas próprias "projeções"? Não é principalmente a satisfação, que cada um de nós está buscando, que torna a mente superficial?

Desejamos a todo custo ser lisonjeados, encontrar satisfação; por essa razão procuramos métodos de alcançar esse objetivo. E existe *de fato*, em algum tempo, uma coisa tal, como seja a satisfação? Embora possamos satisfazer-nos temporariamente e modificar o objeto de nossa satisfação conforme a nossa idade, existe satisfação *em algum tempo?*

O desejo busca constantemente satisfazer-se e, por isso, estamos sempre a passar de uma satisfação para outra, e quando nos vemos embaraçados nas complicações de cada satisfação nova, mais uma vez nos tornamos

insatisfeitos e procuramos desvencilhar-nos.

Apegamo-nos a pessoas, seguimos instrutores, aderimos a grupos, lemos livros, adotamos sucessivamente várias filosofias; mas o desejo central permanece o mesmo: queremos satisfazer-nos, estar em segurança, tornar-nos alguém, alcançar um resultado, conseguir um fim. Esse processo não é, todo ele, uma das causas primárias da superficialidade da mente?

E não é a mente superficial por pensarmos sempre em termos relativos à aquisição? A mente está sempre ocupada ou em adquirir, ou em rejeitar, despojar-se daquilo que adquiriu. Há tensão entre o adquirir e o rejeitar, e vivemos sempre nessa tensão; e ela não contribui para a superficialidade da nossa mente?

Outro fator que ocasiona a superficialidade é a incessante ocupação da mente em torno de suas tribulações, em torno de alguma filosofia, de Deus, de idéias, de crenças, ou a respeito do que ela deve fazer ou do que não deve fazer.

Enquanto a mente viver absorvida, preocupada, empenhada com relação a alguma coisa, não será ela sempre superficial? Por certo, só a mente que está desocupada, totalmente livre, não emaranhada em nenhum problema, despreocupada de si mesma, de suas realizações, dores, alegrias e tristezas, — só essa mente pode deixar de ser superficial. E não pode a mente viver dia por dia, fazendo as coisas que tem de fazer, livre dessa preocupação?

No que respeita a quase todos nós, com que está ocupada a nossa mente? Quando observais a vossa própria mente, quando estais cônscios dela, com que está ela preocupada? Está preocupada a respeito de como tornar-se mais perfeita, ter mais saúde, obter um emprego melhor; preocupada sobre se é amada ou não é amada, se está progredindo; sobre a maneira

de sair de um problema sem cair noutro; enfim, está preocupada consigo mesma, não é verdade? Por diferentes maneiras, ela está perenemente a identificar-se com o mais alto ou com o humílimo.

E pode a mente sempre ocupada consigo mesma, ser profunda? Uma das nossas dificuldades, talvez a maior, não é essa de que as nossas mentes se tornaram sobremaneira superficiais? Surge alguma dificuldade e logo corremos para alguém, pedindo ajuda; não temos capacidade de penetração, de descobrimento; não somos investigadores de nós mesmos. E pode a mente investigar-se e conhecer-se a si mesma, se está ocupada com *algum* problema?

Os problemas que criamos com a nossa superficialidade exigem, não soluções superficiais, mas a compreensão do que é verdadeiro; e não pode a mente, conhecedora das causas da sua superficialidade, compreendê-las, sem lutar contra elas, sem procurar afastá-las para o lado? Porque, no momento em que lutamos, isso, em si, se torna outro problema, uma nova ocupação, que apenas aumenta a superficialidade da mente.

Deixai-me expressá-lo assim: se compreendo que minha mente é superficial, que devo fazer? Percebo, pela observação, sua superficialidade. Vejo que estou sempre recorrendo aos livros, aos líderes, à autoridade sob várias formas, aos Mestres, a *algum* iogue; conheceis bem as diferentes maneiras pelas quais procuramos satisfazer-nos. Percebo tudo isso.

Ora, não me será possível pôr tudo isso de parte, sem esforço, sem manter-me ocupado a seu respeito, sem dizer: "*preciso* pôr isso de parte, para tornar-me mais profundo, mais compreensivo"? Tornar-nos algo *mais* — não é essa a preocupação constante da nossa mente e uma causa

Enquanto a mente tiver o desejo de satisfazer-se *com* alguma coisa, haverá ambição.

primária de sua superficialidade? Isto é o que todos desejamos: compreender mais, ter mais posses, maior capacidade intelectual, ser melhores no jogo, ser mais belos, mais virtuosos; sempre *mais*, *mais* e *mais*.

Tende a bondade de prestar atenção: quando a mente está em busca do mais, do melhor, ela é incapaz de compreender a si mesma, tal como é; porque está pensando sempre em adquirir mais, em ir mais longe, em alcançar resultados maiores, fica impossibilitada de compreender o seu verdadeiro estado.

Entretanto, quando a mente percebe o que ela é realmente, sem comparação nem julgamento, tem então a possibilidade de se tornar profunda, de passar além. Enquanto estamos preocupados com o *mais*, em qualquer nível da consciência, tem de haver superficialidade; e uma mente superficial não encontrará nunca o que é real, jamais conhecerá a Verdade, Deus. Poderá concentrar-se na imagem de Deus, imaginá-la, conjecturar e forjar esperanças; mas isso não é a Realidade.

O que se necessita, portanto, não é de técnica nova, novo grupo social ou religioso, mas, sim, indivíduos que sejam capazes de ultrapassar o superficial; e não se pode transcender o superficial, quando a mente está ocupada com o *mais* ou com o *menos*. Se a mente está toda interessada em ter mais propriedade ou menos propriedade; se a propriedade constitui a sua constante preocupação, esta mente, por certo, é muito superficial e muito estúpida. E a mente aplicada em tornar-se mais virtuosa é igualmente estúpida, pois está também interessada em si mesma e nas suas aquisições.

Assim, pois, a mente é resultado do tempo, que é o processo do *mais;* e não pode a mente estar cônscia desse processo e ser o que é, sem procurar modificar-se? Certo, a transformação não pode ser

efetuada pela mente. A transformação se realiza quando se vê a verdade. E a verdade não é o *mais*. A transformação — única revolução real — se acha nas mãos da Realidade, e não na esfera da mente.

Não importa, por conseguinte, que cada um de nós não apenas se limite a ouvir estas conferências, mas que todos nos tornemos cônscios de nós mesmos e permaneçamos neste estado de percebimento, sem recorrermos a intérpretes ou guias e sem desejarmos algo *mais*?

Nesse estado de percebimento, em que não existe escolha, condenação ou julgamento, percebereis tudo o que se passa, conhecereis o processo da mente, tal como é de fato; e quando a mente está assim cônscia de si mesma, ela se torna tranqüila, despreocupada, serena. E, só nessa tranqüilidade existe a possibilidade de se perceber o que é verdadeiro e de realizar-se a transformação radical.

● *Por que será que neste país parecemos sentir tão pouco respeito pelos outros?*

Não sei em que país existe respeito aos semelhantes. Na Índia, as mesmas pessoas que nos cumprimentam com profundas inclinações e nos oferendam grinaldas e flores, maltratam os vizinhos, os criados e os animais. Isso é respeito?

Aqui, como na Europa, há respeito ao homem possuidor de automóvel caro e palacete; há respeito para com os considerados superiores e desprezo aos demais. Mas é este o problema? Todos queremos sentir-nos iguais aos que estão mais alto, não é

verdade? Queremos ombrear com os famosos, os ricos, os poderosos.

Quanto mais industrializada uma civilização, tanto mais prevalece a idéia de que os pobres podem tornar-se ricos, de que o homem que vive numa cabana pode chegar a presidente, e, desse modo, naturalmente, não há respeito a ninguém; e, acredito, se pudermos compreender o problema da igualdade, estaremos aptos a compreender a natureza do respeito.

Ora, existe igualdade? Embora todos os governos, quer da esquerda, quer da direita, salientem que todos somos iguais, somos *de fato iguais?* Tendes uma cabeça melhor, uma capacidade maior, sois mais prendado do que eu; sabeis pintar e eu não sei; sabeis inventar; eu sou um simples operário.

Pode jamais existir igualdade? Poderá haver igualdade de oportunidade: nós dois podemos ter a possibilidade de comprar um carro; isso, porém, é igualdade? O problema, por certo, não se refere a como promover a igualdade, economicamente, mas ao descobrimento de se a mente pode ficar livre dessa noção de superior e de inferior, dessa tendência a venerar o homem que tem muito e a desprezar o que tem pouco. Acho que o problema é este.

Respeitamos os que estão em condições de ajudar-nos, de dar-nos alguma coisa, e desprezamos os que não podem fazê-lo. Acatamos o patrão, o homem que pode proporcionar-nos um emprego melhor, uma missão política; ou respeitamos o sacerdote, outra espécie de patrão, no chamado mundo espiritual. Estamos, pois, sempre respeitando e desprezando; e não pode a mente libertar-se desse estado de desprezo e de falso respeito?

Observai bem a vossa própria mente, e descobrireis não existir respeito enquanto

prevalece o sentimento de superioridade e inferioridade. E o que quer que façam os governos com o fim de igualar-nos, *nunca* haverá igualdade, desde que todos nós temos capacidades diversas, diferentes aptidões; mas o que pode haver é um sentimento muito diferente, um sentimento de amor, talvez, no qual não existe o desprezo, o julgamento, a noção de superior e inferior, o que dá e o que recebe.

Senhores, isto não são meras palavras; não estou descrevendo um estado desejável, visto que o que é desejável faz surgir o problema: "Como chegarei lá"? — o qual, por sua vez, só conduz a atitudes superficiais. Uma vez, porém, percebais a vossa própria atitude e conheçais as atividades da vossa mente, nascerá, então, talvez, um sentimento distinto, um sentimento de afeição; e não é *isso* que tem importância?

O mais importante não é saber por que umas pessoas têm respeito e outras não, mas, sim, o despertar aquele sentimento, aquela afeição, aquele amor (ou como quer que o chameis) em que cessa totalmente a noção de "alto" e "baixo". E isso não é uma Utopia, não é um estado que se alcança com luta, um exercício que se deve praticar todos os dias, até chegar à meta final.

Acredito, o importante é que "escutemos" a revelação desse estado, absorvendo-a como quem contempla um belo quadro, ou como quem ouve o canto de um pássaro; e se sabemos escutar verdadeiramente, o próprio escutar, a própria percepção realiza algo radical. Mas no momento em que a mente interfere com seus inumeráveis problemas, surge o conflito entre o *que deveria ser* e o *que é;* introduzimos então ideais e a imitação desses ideais, e desse modo nunca descobrimos por nós mesmos aquele estado em que não existe o desejo de ser *mais*, e não existe, por conseguinte, o desprezo.

Como a própria mente é produto do temor, o que quer que ela faça para o afastar de si, só pode aumentá-lo mais ainda.

Enquanto vós e eu andarmos em busca de satisfação, não haverá respeito, não haverá amor. Enquanto a mente tiver o desejo de satisfazer-se *com* alguma coisa, haverá ambição; e é porque quase todos nós somos ambiciosos, em diferentes direções, em níveis diferentes, que esse sentimento, não de igualdade, mas de afeição, de amor, se torna impossível.

Não falo de algo sobre-humano; mas penso que, se pudermos realmente compreender a ambição, o desejo de nos tornarmos *mais*, de satisfazer-nos, de realizar, de brilhar, se pudermos "viver com ele", conhecer por nós mesmos todo o seu alcance, olhá-lo como nos olhamos a um espelho, ver exatamente o que somos, sem condenação — se pudermos fazer tal coisa, que é o começo do autoconhecimento, da sabedoria, haverá então a possibilidade de nascer essa afeição.

● *O medo é uma qualidade distinta, identificável, da mente, ou é a própria mente? Pode ele ser eliminado pela mente, ou só pode chegar ao seu fim depois que a mente cessar de todo? O medo é sempre um mal que cumpre vencer, e nunca um bem disfarçado?*

Tentemos *juntos* descobrir o que é o medo e se é possível erradicá-lo. Vamos descobrir a verdade contida nesta questão; mas, para a descobrirmos, cumpre-vos investigar os vossos próprios temores, para ver como surje o medo.

Temos várias espécies de medo, não é verdade? O medo existe em diferentes níveis do nosso ser; há o medo do passado, o medo do futuro e o medo do presente, que é a verdadeira ânsia dos viventes. Ora, que é esse medo? Não é produto da

mente, do pensamento? Penso no futuro, na velhice, na pobreza, na morte, e esse quadro me faz medo.

O pensamento "projeta" ([1]) um quadro que provoca ansiedade na mente; o pensamento, pois, cria o seu próprio temor, não é verdade? Fiz algo insensato e não quero que se me chame a atenção para isso, quero evitá-lo, temo as conseqüências. Isso, também, é um processo de pensamento, não achais? Quero reconquistar a felicidade da juventude; ou, porventura, vi ontem algo na montanha banhada de sol, algo que se esvaeceu, e desejo tornar a experimentar aquela beleza; ou, quero ser amado, satisfazer-me, realizar algo, quero ser alguém; por esse motivo há ansiedade, temor.

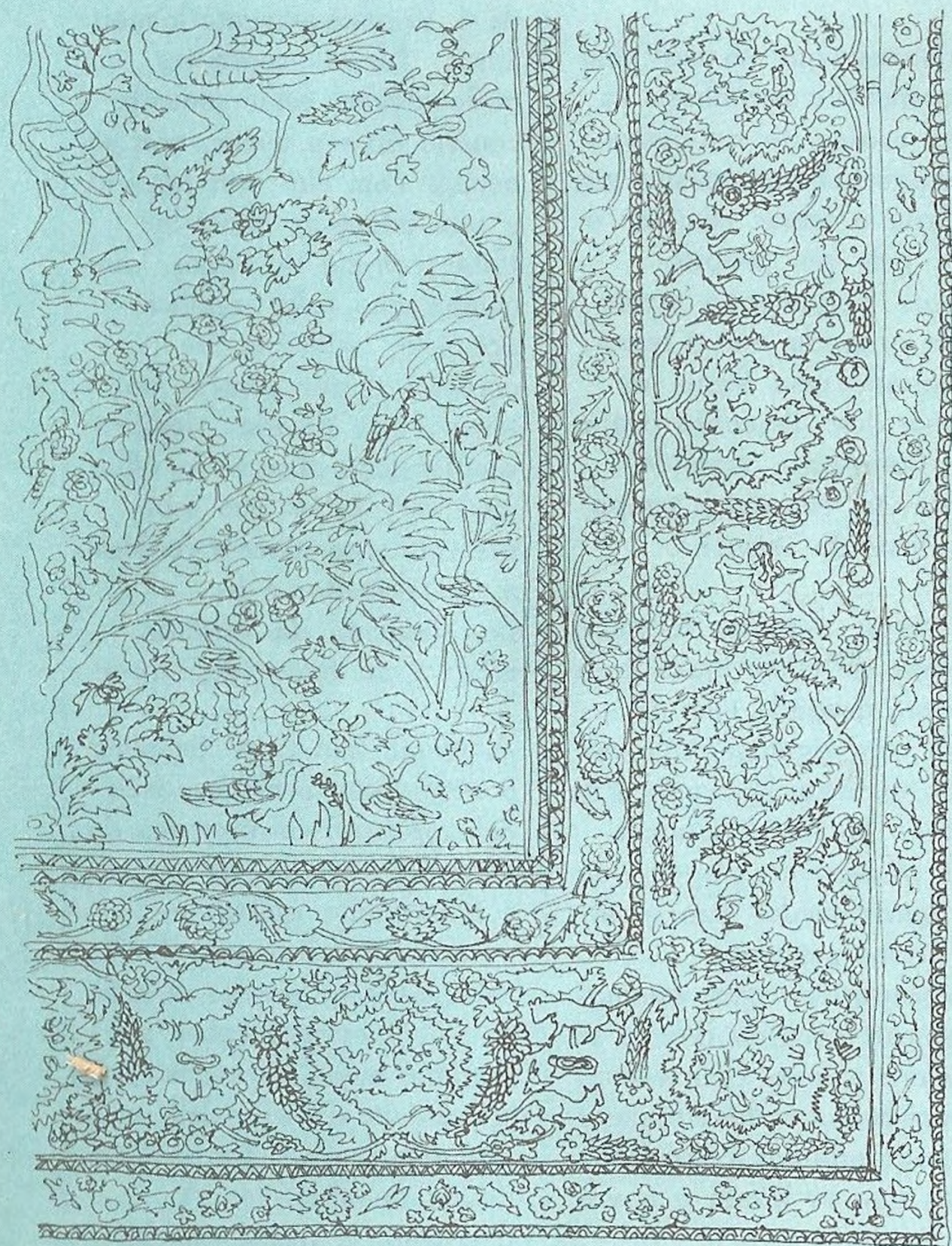
O pensamento é desejo, memória, e suas reações causam temor, não é verdade? Temendo o amanhã, temendo a morte e o desconhecido, começamos a inventar teorias, — que renasceremos, que nos tornaremos perfeitos pela evolução, e nestas teorias a mente vai buscar proteção.

Porque estamos perenemente em busca de segurança, edificamos igrejas em torno de nossas esperanças, nossas crenças e dogmas, pelos quais estamos prontos a lutar; e tudo isso representa, ainda, o processo do pensar, não é exato? E se não podemos dissolver o nosso temor, nossa barreira psicológica, vamos pedir socorro a outro.

Enquanto eu pensar tão-somente em termos de realização, de preenchimento, de não-vir-a-ser, estarei sempre na sujeição do temor, não é verdade? O processo do pensar, como o conhecemos, com seu desejo egocêntrico de ser bem-sucedido, de não sentir-se só, vazio, esse mesmo processo é a sede do temor. E pode a mente que está toda ocupada

---

([1]) *"Projetar" (Psicologia): Externar ou* objetivar *o que, primariamente, é* subjetivo *(Dic. Webster) (Nota do tradutor).*

A mente pode reconhecer apenas o que já foi experimentado; não pode reconhecer uma coisa nova, pois o que é novo não é reconhecível.

consigo mesma, que é produto de seus próprios temores, dissolver o temor?

Suponhamos que um indivíduo tenha medo e reconheça as várias causas do seu temor. Pode aquela mesma mente que produziu o temor eliminar o temor pelo seu próprio esforço? Enquanto a mente estiver ocupada com o temor, procurando uma forma de livrar-se dele, descobrir o que deve fazer para vencê-lo, poderá ela, em algum tempo, ficar livre do temor?

Por certo, a mente só pode ser livre de temor quando já não está ocupada com ele — o que não significa fugir ao temor, ou tentar ignorá-lo. Em primeiro lugar, precisamos estar plenamente cônscios de que temos medo. Em geral, *não* temos completa consciência do temor: estamos vagamente cônscios dele: e se chegamos a vê-lo, cara a cara, ficamos horrorizados e fugimos dele, atirando-nos a atividades várias que só levam a novos malefícios.

Como é a própria mente produto do temor, o que quer que ela faça para o afastar de si, só pode aumentá-lo mais ainda. Nessas condições, pode alguém estar somente cônscio do seu temor, sem se ocupar com ele, sem julgá-lo e sem procurar alterá-lo? Estar *cônscio* do temor, sem condenação, não significa aceitá-lo, acolhê-lo no coração. Estar cônscio do temor, sem dúvida, significa simplesmente observá-lo, olhar para ele, saber que está presente e perceber a verdade a seu respeito; e o percebimento da verdade relativa ao temor dissolve-o.

A mente não pode dissolver o temor por nenhuma ação dela própria; em presença do temor, o que ela deve fazer é ficar muito quieta — conhecer, e não agir. Tende a bondade de prestar atenção a isso. Devemos saber que sentimos medo, devemos estar *plenamente* cônscios dele, sem nenhuma reação, sem nenhum desejo de alterá-lo. A alteração, a transformação

não pode ser operada pela mente; só pode realizar-se pelo percebimento da verdade, e a mente não pode perceber o que é verdadeiro quando está *preocupada* a respeito do temor, quando o está condenando ou desejando livrar-se dele.

Toda ação da mente com respeito ao temor, aumenta-o, apenas, ou ajuda à mente a fugir dele. Só há um estado livre de temor quando a mente, de todo cônscia dos seus temores, não está em atividade com relação a eles. Surge então um estado completamente diferente, um estado que a mente de modo nenhum pode conceber ou inventar. Eis por que é tão importante que se compreenda o "processo" da mente, não de acordo com algum filósofo, analista ou instrutor religioso, mas tal como ele está realmente funcionando em vós, momento por momento, em todas as vossas relações, — quando repousais, andais, ouvis alguém, quando ligais o rádio, ledes um livro ou conversais à mesa.

Estar plenamente cônscio de si mesmo, sem dúvida, é manter a mente numa extraordinária vigilância; e nessa vigilância há autoconhecimento, o começo da sabedoria. A mente que luta contra o temor, nunca dissolverá o temor; mas, quando há um percebimento passivo do temor, surge então um estado diferente, no qual o temor é inexistente.

A VERDADEIRA RELIGIÃO

Seria muito útil e importante, parece-me, considerarmos a questão de qual é a verdadeira religião; e talvez, investigando esta questão um pouco profundamente, tenhamos a possibilidade de descobrir, de experimentar diretamente, por nós mesmos, aquele estado que não é produto da mente e que deve ser algo desconhecido e totalmente novo, nunca dantes experimentado.

Para descobrir-se, porém, e experimentar aquele estado, acho que teremos, em primeiro lugar, de compreender o "processo" ([1]) do intelecto, da mente. A mente se constitui não apenas do consciente, mas também das muitas camadas daquilo a que chamamos "o inconsciente"; é um "processo" total, embora, por conveniência, a dividamos em "consciente" e "inconsciente",

([1]) *Processo: Toda a série das atividades ou operações de uma faculdade (Nota do tradutor).*

A VERDADEIRA RELIGIÃO

Seria muito útil e importante, parece-me, considerarmos a questão de qual é a verdadeira religião; e talvez, investigando esta questão um pouco profundamente, tenhamos a possibilidade de descobrir, de experimentar diretamente, por nós mesmos, aquele estado que não é produto da mente e que deve ser algo desconhecido e totalmente novo, nunca dantes experimentado.

Para descobrir-se, porém, e experimentar aquele estado, acho que teremos, em primeiro lugar, de compreender o "processo" ([1]) do intelecto, da mente. A mente se constitui não apenas do consciente, mas também das muitas camadas daquilo a que chamamos "o inconsciente"; é um "processo" total, embora, por conveniência, a dividamos em "consciente" e "inconsciente",

([1]) *Processo: Toda a série das atividades ou operações de uma faculdade (Nota do tradutor).*

com as diferentes gradações de consciência existentes entre os dois.

Para compreendermos as várias atividades da mente, devemos, por certo, não apenas investigar no nível superficial ou verbal, mas também penetrar profundamente no "processo" do próprio pensamento.

O que desejo fazer, se for possível — e não sei se é — é produzir aquele estado que não é concebível, que não é imaginável, que não pode ser sistematizado nem conjecturado; e isso, por certo, não requer nenhuma condição de auto-hipnose nem de mera auto-sugestão, mas sim, o gradual desdobrar-se do processo da vossa própria mente.

Podemos descobrir juntos e experimentar diretamente aquele estado a que aspiram todas as religiões — despidas do seu eclesiasticismo, dos seus dogmas, dos seus ritos e inumeráveis contra-sensos? Não vou guiar-vos para o descobrirdes, pois o descobrimento tem de ser espontâneo. Deveis descobri-lo por vós mesmos. Tentarei tão-somente descrever como esse estado aparece; mas, se apenas seguirdes a descrição, então, é claro, não compreendereis esse estado, que só pode surgir quando a mente já não está "projetando" nem resistindo.

Como eu ia dizendo, temos em primeiro lugar de compreender o intelecto, o processo da consciência, não apenas a superficial, senão também as suas camadas mais profundas; e, para o fazermos, precisamos evidentemente, começar pelas reações e "respostas" (responses).

Além do seu significado exterior, palavras como "adeus", "comunista", "capitalista", "avidez", "progresso", "morte", têm uma grande significação para a maioria de nós, não é verdade? Têm elas uma significação assim neurológica como psicológica. As palavras são símbolos; e se as não

empregamos, temos símbolos sob outras formas, como a cruz e os símbolos religiosos da Índia.

E é possível abster-nos de reagir, de levantar barreiras, em reação aos símbolos? Pode a mente, naquele nível superficial, pôr de parte o processo imaginativo, especulativo, verbal, com todas as suas reações? É muito difícil fazê-lo, pois, no momento, a mente só pensa dentro do âmbito das palavras, dos símbolos, das imagens.

E não devemos investigar o processo do desejo? Sem dúvida, pois o desejo é parte da mente, do intelecto, da inteligência de que nos servimos no viver cotidiano. O desejo é o autêntico processo da mente, da mente que acumula, retém, que possui inúmeros impulsos, busca sensações, exige *mais*, que evita a dor e anseia pelo prazer.

A mente está sempre em procura de um abrigo seguro, onde possa habitar sem ser perturbada, não é exato? Procura viver permanentemente em segurança, numa idéia, numa crença, numa experiência, numa relação. Tudo isso é o processo da mente, do que chamamos "intelecto", "inteligência individual"; isso, que faz parte da consciência, manifesta ou oculta, é tudo o que sabemos.

Pois bem. Conhecendo o processo integral de si mesma, pode a mente transcendê-lo? Pode ela estar serena, a fim de descobrir o que é verdadeiro, o que é real, o que é Deus? É isso o que desejo considerar. Pode a mente estar cônscia das suas numerosas camadas, das reações verbais, dos apetites puramente físicos, das necessidades e impulsos biológicos, do cunho da tradição e do ambiente, das lembranças claras e ocultas — pode a mente estar cônscia de tudo isso, sem interferir de maneira alguma?

O pensamento é *sempre*

A religião nada tem em comum com crenças, com símbolos, ritos, promessas, com esperanças e temores, em torno dos quais são construídos os credos e as igrejas.

condicionado enquanto é a expressão verbal da memória; e enquanto a mente não estiver de todo livre dessa extraordinária acumulação do passado, o desconhecido, evidentemente, é inalcançável. Enquanto não desaparecer o processo de reconhecimento, não pode existir o novo.

Consideremos esta questão um pouco mais longamente. Afinal de contas, o que chamamos experiência é um processo de reconhecimento, não é verdade? Quando vedes um certo animal, sabeis que é um cão, porque tendes conhecimento anterior da espécie e lhe destes um nome. Quando vos encontrais com um amigo, o reconheceis, porque tivestes experiência anterior dessa amizade. Quando há uma experiência psicológica, essa experiência foi conhecida anteriormente e lhe destes um nome. A mente pode reconhecer apenas o que já foi experimentado; *não pode reconhecer uma coisa nova*, pois o que é novo não é reconhecível.

Assim, a Verdade, Deus, ou como o chamardes, tem de ser totalmente novo, não pode ser reconhecido. Se for reconhecido, então já foi experimentado antes, e o que já foi experimentado está compreendido na esfera do tempo. Procurai perceber isso claramente, e compreendereis algo. Não é difícil. As palavras que estou empregando podem ser difíceis; porém, o sentido, o significado do que digo é muito simples.

A função da mente é cognitiva, não é verdade? A mente reconhece, pensa; e seu pensar, seu reconhecer, seu experimentar procede todo do "fundo" *(background)* (1) da memória. Afinal, se sou hinduísta, meu condicionamento limita o meu pensar; penso em Deus, na

(1) Background: *Todo o cabedal adquirido pela experiência, instrução, educação, etc. (Dic. Webster) (Nota do tradutor).*

moral, em conformidade com a tradição e tudo o que li nas escrituras hinduístas. E os que são cristãos ou budistas, ou o que quiserdes, e que têm inclinações religiosas estão igualmente condicionados por tudo o que lhes foi ensinado.

Pois bem. O que estamos tentando — não só agora, mas sempre — é descobrir se a mente pode libertar-se do seu condicionamento e experimentar o que nunca foi experimentado anteriormente. Sem dúvida, esse é o experimentar da Realidade e a religião verdadeira, não achais?

A religião nada tem em comum com crenças, com símbolos, ritos, promessas, com esperanças e temores, em torno dos quais são construídos os credos e as igrejas. Tão pouco é questão de moralidade. O indivíduo de princípios morais pode nunca vir a conhecer a Realidade — o que não significa que para conhecer a Realidade deva ser imoral. A moralidade resultante de esforço consciente limita a mente. A virtude só é necessária porque dá liberdade; o homem, porém, que se esforça para tornar-se virtuoso, jamais é livre.

Nessas condições, conhecendo todo o conteúdo da mente, suas recusas, suas resistências, suas atividades disciplinares, seus vários esforços visantes à segurança, coisas essas que têm o efeito de condicionar-lhe e limitar o pensar — pode a mente, como processo "integrado", estar totalmente livre para descobrir o que é eterno? Porque, sem esse descobrimento, sem o experimentar dessa realidade, todos os nossos problemas, com suas respectivas soluções, conduzem tão-somente a novos sofrimentos e desastres.

Isso é óbvio, e pode-se observar na vida de cada dia. Individualmente, politicamente, internacionalmente, em toda e qualquer atividade, estamos sempre a criar maiores malefícios, o que será sempre

inevitável, enquanto não tivermos experimentado aquele estado de religião, aquele estado que só é possível experimentar-se quando a mente se acha *de todo* livre.

Agora, tomando conhecimento disto, podeis, ainda que por um segundo, conhecer aquela liberdade? Não podeis conhecê-la apenas por eu a estar sugerindo, pois, nesse caso, ela seria unicamente uma idéia, uma opinião, sem muito significado. Entretanto, se tendes acompanhado as minhas palavras muito seriamente, estais começando a conhecer o processo do vosso próprio pensar, sua direção, seus intentos, seus móveis; e, em vista desse conhecimento, chegareis, por força, ao estado em que a mente já não está a procurar, a escolher, lutando para realizar seus fins.

Depois de perceber todo o seu próprio processo, a mente se torna tranqüila num grau extraordinário, sem nenhuma tendência, sem nenhuma volição, sem nenhuma ação voluntária. A vontade é ainda desejo, não é verdade? O homem ambicioso, no sentido mundano, sente um forte desejo de realizar algo, de ser bem-sucedido, tornar-se famoso, e exerce a vontade para resguardar a própria importância. De modo idêntico, exercemos a vontade para desenvolver a virtude, para alcançar um estado dito espiritual. A coisa de que estou falando, porém, é de todo diferente, *inteiramente* livre de *qualquer* desejo, de qualquer ação, de qualquer compulsão para ser isso ou aquilo.

Ao examinardes o que digo, estais exercendo a razão, não é verdade? A razão, todavia, conduz-nos apenas até um certo ponto, e não mais além. Devemos obviamente exercer a razão, a capacidade de pensar nas coisas de princípio a fim, sem pararmos a meio caminho.

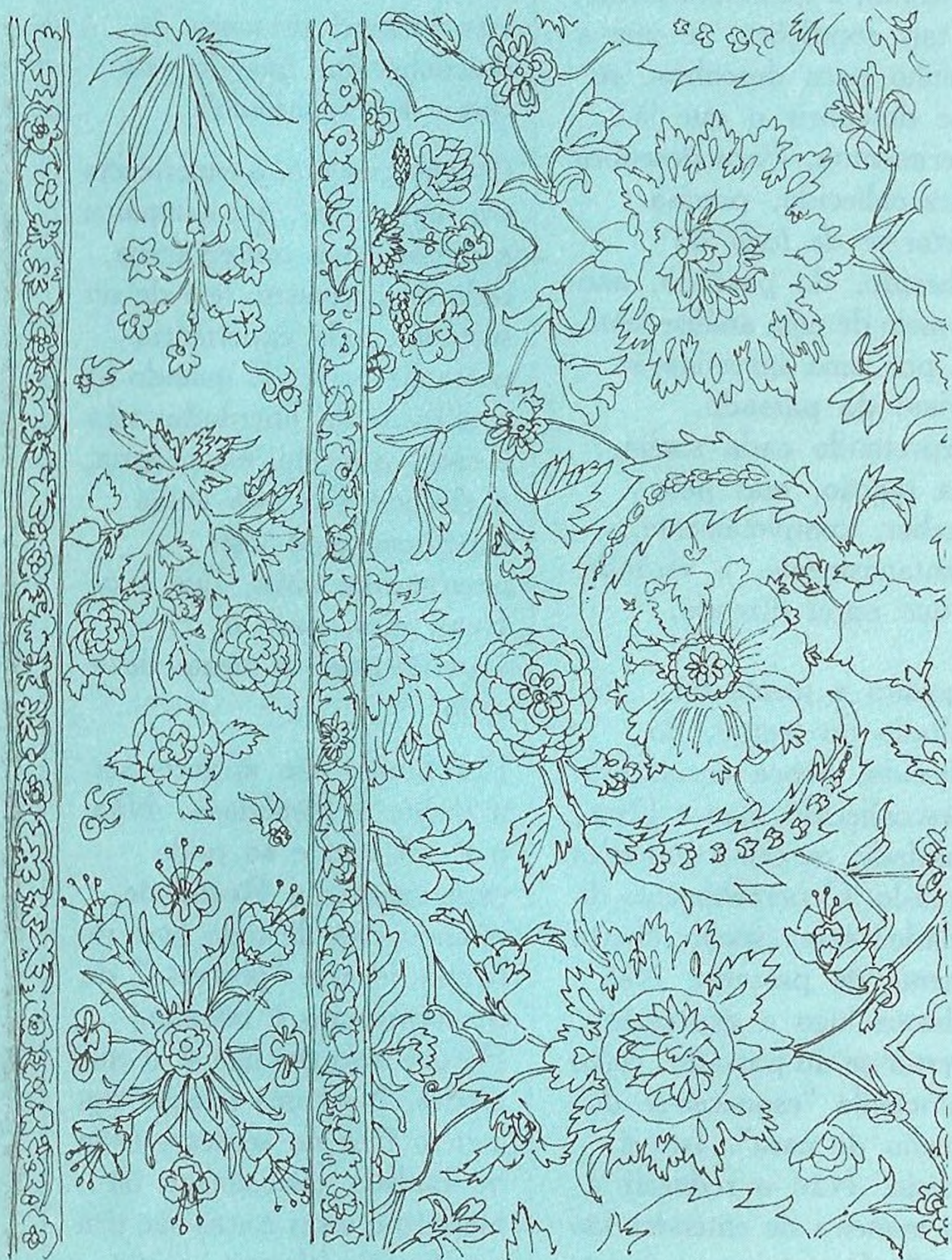
Mas, quando a razão alcançou os seus limites e não pode ir mais longe, então a

mente já não é o instrumento da razão, da astúcia, do cálculo, do ataque e da defesa, desde que o próprio centro de onde procedem todos os nossos pensamentos e todos os nossos conflitos deixou de existir.

Pois bem. Agora começais, por certo, a conhecer a vós mesmos momento por momento, durante o dia, nas vossas diversas atividades; a mente está começando a conhecer-se a si mesma, com todas as suas tortuosidades, resistências, crenças, suas exigências, buscas, ambições, seus temores e ânsia de preenchimento. Uma vez cônscia de tudo isso, não é possível à mente, ainda que por um segundo, ficar totalmente tranqüila, conhecer um silêncio em que existe liberdade? E quando há essa liberdade silenciosa, então não é a mente, ela própria, o eterno?

Para conhecer o desconhecido, deve a mente ser, ela própria, o desconhecido. A mente tem sido até agora o resultado do conhecido. Que sois vós senão uma acumulação de coisas conhecidas: vossas tribulações, vossas vaidades, vossas ambições, dores, realizações e frustrações? Tudo isso é conhecido, o conhecido do tempo e do espaço; e enquanto a mente estiver funcionando dentro da esfera do tempo, do conhecido, jamais poderá ser o desconhecido: continuará, tão-somente, a experimentar o que é conhecido.

Senhores, isto não é algo complicado ou misterioso: descrevo fatos evidentes da nossa existência cotidiana. Com a carga do conhecido, procura a mente descobrir o desconhecido Como pode consegui-lo? Todos falamos de Deus; em todas as religiões, em todas as igrejas e templos esta palavra é empregada; sempre, porém, à imagem do conhecido. São pouquíssimos os que abandonam todas as igrejas, todos os templos e livros, e passam além, para descobrir.

A virtude só é necessária porque dá liberdade; o homem, porém, que se esforça para tornar-se virtuoso, jamais é livre.

No momento, a mente é o resultado do tempo, do conhecido, e quando a mente, em tais condições, se põe a caminho para descobrir, só pode descobrir o que já experimentou. Para descobrir o desconhecido, precisa libertar-se *de todo* do conhecido, do passado, não por meio de uma análise lenta, não por uma investigação gradual do passado, interpretando cada sonho, cada reação, mas pelo perceber, completamente, instantaneamente, a verdade do que estou dizendo.

Enquanto a mente for resultado do tempo, do conhecido, nunca encontrará o desconhecido, que é Deus, Realidade, ou como quiserdes chamá-lo. O percebimento da verdade a esse respeito, liberta a mente do passado. Não traduzais logo a expressão "libertar-se do passado" como significando "esquecer-se do caminho de casa". Isto é *amnésia*. Não o reduzais a uma maneira de entender tão infantil. Entretanto, a mente está libertada no momento em que percebe a verdade de que não pode encontrar o Real, essa inefável presença do desconhecido, quando está cheia do "conhecido".

O conhecimento, a experiência é o "eu", o "eu" que acumulou e juntou; por conseqüência, todo conhecimento tem de ser sustado, toda experiência posta de parte. E quando há o silêncio da liberdade, não é então a mente, ela própria, o eterno? Ela está então experimentando algo inteiramente novo, que é o Real; mas, para o experimentar, a mente deve sê-lo.

Por favor, não afirmeis ser a mente a Realidade. Não o é. A mente só pode experimentar a Realidade, quando está de todo livre do tempo; e esse "processo" de descobrimento é religião. Porque religião não é o que credes. Nenhuma relação tem com o fato de serdes cristão ou budista, muçulmano ou hinduísta; essas coisas não têm significação alguma, sendo,

antes, um obstáculo; e a mente desejosa de descobrir, deve despojar-se completamente delas todas.

Para ser nova, a mente deve estar sozinha; para que possa realizar-se a eterna criação, deve a mente achar-se no estado de recebê-la. Mas, enquanto estiver às voltas com suas tribulações e lutas, enquanto estiver carregada de conhecimentos, embaraçada pelos obstáculos psicológicos, nunca estará a mente livre para receber, para compreender, descobrir.

Nessas condições, uma pessoa verdadeiramente religiosa não é aquela coberta por uma crosta de crenças, dogmas, rituais. A pessoa religiosa não tem crenças; vive de momento a momento, sem jamais acumular experiência alguma; por conseqüência, só ela é um ente verdadeiramente revolucionário. A verdade não é uma continuidade no tempo; é para ser descoberta a cada momento que passa. A mente que acumula, que retém, que entesoura experiência, não pode viver momento por momento, descobrindo o novo.

Os que sentem verdadeiro interesse, os que não são meros diletantes, que não estão apenas a brincar com estas coisas, têm uma importância extraordinária na vida, porquanto eles se tornarão uma luz para si próprios e, por conseguinte, para outros também.

Falar de Deus, sem se experimentar, sem se ter uma mente de todo livre, e, portanto, aberta para o desconhecido, é coisa de mui pouca valia; é o mesmo que pessoas adultas se entreterem com brinquedos; e quando nos entretemos com brinquedos e chamamos a isso religião, estamos criando mais confusão, causando mais sofrimento. E só ao compreendermos todo o processo do pensar e dele nos libertarmos, pode a mente estar tranqüila; só então se manifesta o Eterno.

● Para ajudar os meus três filhos, basta-me observar a mim mesmo? E como hei de dar-lhes instrução?

A vida, o viver de cada dia, não é um processo de educar os nossos filhos e a nós mesmos, também? Senhores, esta pergunta, com sua resposta, não interessa apenas a mestres e discípulos; interessa-vos a todos, porque sois pais.

Ora, será educação mera transmissão de conhecimentos? Consiste, simplesmente, em ensinar as crianças a ler, a somar, a ter possibilidades de arranjar emprego? Pois é nisso que estamos interessados, não é verdade? E qual é o resultado? O jovem ou vai acabar no exército, para ser destruído, ou destrói a si mesmo num emprego.

Que significa, pois, educar-nos a nós mesmos e a nossos filhos? Significa levarmos anos e anos aprendendo uma técnica, para depois nos convertermos em carne para canhão ou numa máquina da estrutura social? (Tende a bondade de prestar atenção a isso; estou-vos pedindo que descubrais por vós mesmo.) — Significa rodear-nos de uma porção de aparelhos, de coisas, de crenças, a fim de nos protegermos e não termos medo? Significa cobrir a mente com uma simples capa de ilustração? Pois é isso que chamamos educação, não é verdade? Fazemos enormes despesas com a educação de um rapaz e, depois, ele vai acabar numa guerra na Coréia, na Alemanha, ou na Rússia.

Estamos eternamente deflagrando guerras e destruindo-nos uns aos outros, dos tempos mais remotos aos dias de hoje. A educação, portanto, tal como a conhecemos, falhou, sem dúvida nenhuma; já não tem significação alguma. Mas se, para um homem que pensa inteligentemente, a educação não é nada disso, nesse caso, que se entende por educação? Significa ela uma perspectiva

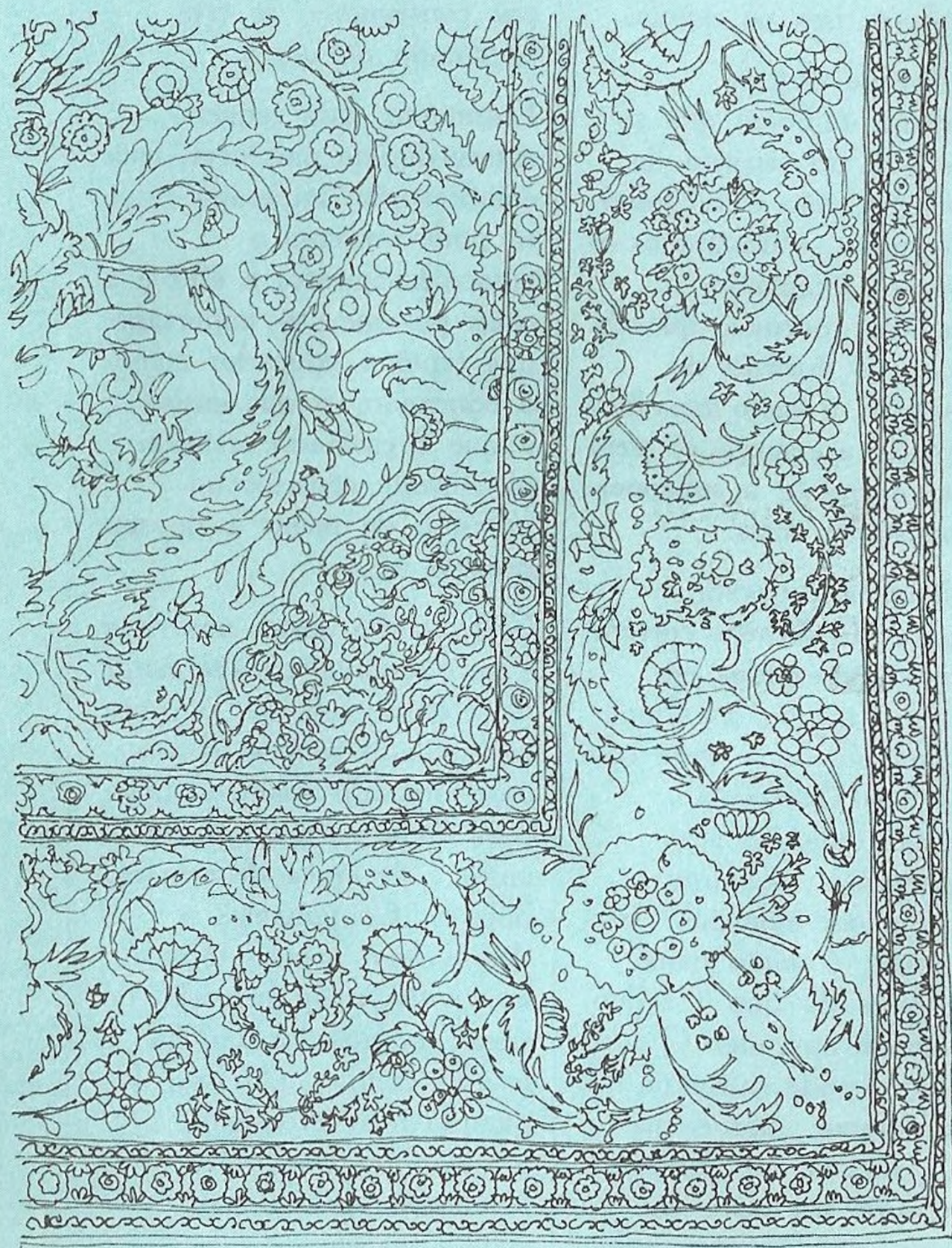
"integrada" da vida, que produzirá entes humanos integrados?

É óbvio, porém, que ninguém pode ser um ente humano integrado, se é americano, ou russo, ou hinduísta; isso são meras etiquetas sem muita significação. Um ente humano integrado é aquele que já não está na sujeição do temor, não moldado pela sociedade, de acordo com determinado padrão de pensamento, seja católico, seja comunista ou outro qualquer. Cada seita, cada grupo nacional ou religioso quer educar os seus jovens de acordo com certa fórmula; e *isso* é educação? Resultarão daí entes humanos "integrados"? Para educar os nossos filhos, não devemos começar por libertar-nos do temor, de todas as limitações do pensamento, tais sejam as do cristão, do comunista, ou do idealista?

Certamente, para podermos educar-nos e a outros, precisamos prestar atenção a nós mesmos, aos nossos pensamentos, nossos móveis, nosso orgulho, nossos temores; devemos prestar atenção às palavras que empregamos, e à reação psicológica da mente a palavras como "americano", "russo", "alemão". Para podermos educar a outros, precisamos começar por educar a nós mesmos; e não é essa a função correta da educação?

Há verdadeira educação quando o educador está sendo educado ao mesmo tempo que os jovens; e isso implica que deve haver liberdade tanto para a criança como para nós mesmos. A liberdade não se encontra na conclusão de um longo curso de disciplina e coerção. Não há liberdade no fim da compulsão. Se dominais a criança, se a obrigais a ajustar-se a um padrão, por mais idealista que seja esse padrão, será livre a criança depois disso?

Se desejamos realizar uma verdadeira revolução na educação, é obviamente necessário haver liberdade exatamente no começo, o que significa que tanto o pai como

Estamos eternamente deflagrando guerras e destruindo-nos uns aos outros. A educação, portanto, tal como a conhecemos, falhou; já não tem significação alguma.

o mestre devem estar interessados na liberdade, e não em como ajudar a criança a tornar-se *isso* ou *aquilo*.

A educação correta subentende também que se esteja livre do espírito de competição, não é verdade? Damos notas, comparamos os jovens, e estimulamos a competição, porque, quando prevalece o espírito de competição, é muito mais fácil disciplinar a criança e, pelo temor, obrigá-la a submeter-se, a estudar mais.

Se desejamos, porém, inaugurar a educação correta, estamos interessados em libertar a mente, para que possa considerar a vida com uma visão "integrada", enfrentar todas as suas complicações, ao surgirem, momento por momento. Isso, por certo, é muito mais importante do que o árduo trabalho de aprender. O saber dos livros pode entrar ou não no programa, mas o que principalmente nos interessa é produzir um novo ente humano, não mais coagido, não mais competidor, não mais desejoso de bom êxito; um ente que compreende *o que é* e, por conseguinte, se está libertando do *que é*.

Entretanto, isso requer extraordinária paciência, uma compreensão "integrada", que só pode vir com o autoconhecimento; e esta é a razão por que é tão importante que tanto o educador como o educando, o que ensina e o que é ensinado, estejam plenamente cônscios do processo da mente e do seu próprio ser.

Creio, devia custar uns vinte e cinco centavos para se matar um soldado romano, ou para um soldado romano matar outro soldado qualquer; hoje, para matar-se um soldado, o custo é de cerca de cem mil dólares. Continuamos a desenvolver a pura técnica, as atividades da memória, do sagaz intelecto, e não há revolta contra tudo isso. E quando nos revoltamos, tornamo-nos pacifistas, idealistas, ou adotamos outro rótulo qualquer.

Revolução fundamental só é possível quando há uma perspectiva "integrada" da vida, quando cada indivíduo é um ser total; e essa totalidade, essa integração do indivíduo, não pode existir enquanto há temor, competição, ambição, o constante impulso de nos preenchermos em alguma atividade — pois tudo isso implica: "eu" contra o todo. O mundo nos pertence, as riquezas da terra são vossas e minhas. Ninguém pode ser próspero enquanto outros morrem de fome.

Mas, para se perceber tudo isso requer-se uma perspectiva "integrada", e não podemos ter tal perspectiva enquanto permanecerdes americano ou hindu. Somos entes humanos, e não podemos compartilhar os bens da terra, se vós competis comigo e eu convosco. Enquanto vós e eu tivermos a ambição de realizar, de vir-a-ser, viveremos necessariamente num conflito constante um com o outro. Se perceberdes tudo isso, não apenas verbalmente, mas interiormente, profundamente, garanto-vos que vos revoltareis; e, então, talvez possamos criar uma nova civilização, um mundo novo.

● *A luta básica, através da história e como a presenciamos no mundo moderno, parece ser o choque entre as forças da tradição e o conservantismo de um lado, e as forças progressistas, de outro lado. Que lado devemos apoiar, na grande batalha pela promoção do bem-estar humano?*

Não é possível considerarmos este problema sem tomarmos partidos? Porque no momento em que tomamos partido, já não temos uma perspectiva "integrada", já não somos livres. Se sois progressista e eu conservador, chocamo-nos um com o outro, somos antagonistas. Em vez de considerarmos o problema do vosso ponto de vista ou do

meu ponto de vista, não seria preferível descobrirmos o que é que faz a mente ser conservadora ou progressista? Compreendeis o problema? Se eu sou conservador e vós sois progressistas, estaremos inevitavelmente em conflito. Eu desejo conservar, reter, manter as coisas o mais possível como estão; e vós desejais reformar, revolucionar. Ficamos numa batalha constante um contra o outro e, conseqüentemente, jamais resolvemos o problema.

Mas se vós e eu estamos muito interessados em resolver o problema humano, então não seremos nem progressistas nem conservadores; estaremos interessados no problema em si, e não em como *vós* o considerais e como *eu* o considero. Espero que a questão esteja agora clara; mas a questão nunca estará clara, se já tomamos partidos. Examinemos, pois, a mentalidade conservadora e a mentalidade progressista.

Tanto o conservador como o progressista desejam mudança. Isso é óbvio. Só o homem mais estúpido e mais totalmente cego pode não desejar mudança nenhuma. Os que possuem todas as coisas mundanas — um grande depósito no banco, conforto, luxo — que estão satisfeitos e querem tudo bem protegido, esses não desejam mudanças. Já os que observam, os que estão cônscios do problema mundial (não apenas do problema americano ou do problema hindu) os que vêem toda essa luta humana — *todos* esses desejam mudanças.

Há miséria na Ásia, de que não fazeis idéia. Milhões e milhões de pessoas a alimentarem-se uma vez por dia, e às vezes nem isso sequer. Há fome, doença, superstição, a degradação da pobreza, excesso de nascimentos, pletora de população, solo pobre. Essas coisas bradam por mudança. E também, obviamente, há necessidade de transformação, com respeito à guerra. Urge fazer-se algo para acabar-se

com *todas* as guerras, a fim de que os homens sejam livres para educar a si mesmos, viver pacificamente, em boa harmonia, criadoramente. Assim sendo, todos nós — conservadores e progressistas — se refletimos um pouco, temos de desejar mudança.

O problema, portanto, não é de se devemos apoiar o conservador ou o progressista, mas de como promover a mudança. Não é isso? Tende paciência; pode-se responder superficialmente; mas eu desejo considerar este problema fundamentalmente, profundamente. Qual é o fator da transformação? As revoluções geram transformações? Houve revoluções no passado, a Revolução Francesa, e outras mais recentes; e elas produziram alguma transformação? Poderão ter produzido superficiais modificações políticas, não uma transformação básica da mente e do coração, uma transformação fundamental, "integrada", na qual o indivíduo deixasse de ser nacionalista, deixasse de ser francês, russo, alemão, hindu, e se tornasse um ente humano integrado.

Nessas condições, quando investigamos a questão da transformação, da revolução, não devemos perguntar se a mente — sem se levar em conta se ela é conservadora ou progressista — é capaz de efetuá-la? A mudança, a revolução resulta de um "processo" da mente, ou acontece de uma maneira de todo diferente? Já observastes como vos modificais, como indivíduo humano? Quando vos modificais? Não é certamente quando estais tentando modificar-vos pela ação do pensamento; modificai-vos, quer queirais quer não, quando a mente não está planeando fazê-lo.

É importantíssimo compreender-se isso, e peço-vos tenhais paciência para investigá-lo. Se sou ganancioso, invejoso, como posso modificar-me? Posso modificar-me por volição?

Quando procuro libertar-me da avidez, esse próprio esforço não resulta da avidez, sob outra forma? Quando digo "não devo ser ávido", por que o digo? Porque o ser ávido já não compensa, causa-me sofrimento, e portanto tenho agora um móvel diferente, um impulso diferente, há uma sensação nova que desejo alcançar; por conseguinte, rejeitando a avidez, sou ainda ávido.

Enquanto a mudança resultar do pensamento, não é mudança — não importando se esse pensamento é conservador ou progressista. A transformação, a revolução só é realizável quando o pensamento calculista deixou de existir. Refleti bem sobre isso e vede a verdade que encerra. A modificação produzida pelo pensamento, pelo cálculo, é uma continuidade modificada. Todas as revoluções políticas são meramente continuidade modificada, reação ao passado, e, por conseguinte, não constituem mudança nenhuma.

Nessas condições, se lhes interessa a mudança, devem, tanto o progressista como o conservador, indagar se o pensamento é capaz de promovê-la. Realiza-se a transformação quando há percepção do que é verdadeiro; e a percepção do que é verdadeiro não procede da mente. A mente pode traduzir a história de acordo com seus próprios preconceitos, de acordo com seus instintos burgueses ou proletários; mas a revolta dos que nada têm, bem como o conservantismo dos que têm tudo, é sempre uma reação; e reação não é transformação.

Vem a transformação quando a mente percebe o que é verdadeiro; e ela não poderá percebê-lo enquanto continuar a pensar com a mentalidade do progressista ou do conservador. Vós e eu devemos estar interessados

diretamente no problema da transformação. A transformação não se pode operar por nenhum ato de vontade, por nenhuma aplicação do saber; só se realiza quando a Realidade é percebida por vós e por mim. E a Realidade pode ser percebida apenas, quando a mente já não é um instrumento de reação, quando já não sonha com Utopias nem deseja conservar tudo como está.

Só há transformação quando vós e eu somos verdadeiramente religiosos. Esta é a única revolução, a única transformação permanente.

VIVER COM SIMPLICIDADE

A meu ver, uma das coisas mais difíceis é viver com simplicidade; e talvez possamos examinar esta questão, não apenas no nível superficial, mas profundamente, para ver se descobrimos o que, em essência, significa viver simplesmente. Por pouco ativos que sejamos, a vida nos apresenta inúmeros problemas. Cada problema parece gerar muitos outros. Os problemas parecem surgir numa sucessão interminável, tanto no nível consciente como nos níveis mais profundos da consciência. Parece, que nunca podemos livrar-nos de um problema, ou resolvê-lo, sem suscitar outros problemas.

Mas se pudéssemos compreender o que significa viver simplesmente, pensar simplesmente, então, talvez estivéssemos aptos a produzir em nós mesmos um "estado de ser" em que não criássemos problemas e mais problemas.

Por que é que a mente

acumula? Por que armazenamos conhecimentos? Por que nos condiciona a experiência? Se pudermos investigar esse "processo" acumulador da mente, talvez nos seja mais fácil compreender o que é pensar diretamente, simplesmente; e ao percebermos por que a mente colhe, retém, acumula, talvez nos tornemos capazes de dissolver as nossas múltiplas dificuldades, à medida que surgem.

Acreditamos que, acumulando conhecimentos e experiência, estaremos capacitados para compreender a vida com todas as suas lutas complexas. Mas, que acontece quando acumulamos saber e experiência? Ficamos traduzindo todo incidente, toda crise, toda reação, em conformidade com a nossa passada experiência, que é memória.

Com essa carga do passado, não nos é possível ver as coisas diretamente; e talvez aí se encontre o nó do problema. Nunca enfrentamos coisa alguma de maneira nova, mas sempre em conformidade com o "velho", com o que já conhecemos. E porque jamais encaramos um problema diretamente, para compreendê-lo por nós mesmos, continuamos a produzir problemas e a provocar mais lutas.

Ora, nossa concepção de uma vida simples é que devemos possuir poucas coisas, ou mesmo nada. Mas isso, por certo, não é uma vida simples. Olhamos com reverência os que levam uma vida simples, no sentido físico, que têm poucas roupas e nenhuma propriedade, como se isso fosse uma coisa maravilhosa. Por quê? Porque nós, intrinsecamente, somos apegados a coisas, a posses.

Mas o viver uma vida simples requer, meramente, que nos despojemos de tudo, que renunciemos às coisas físicas? Ou é coisa muito mais profunda? Embora tenhamos muito pouco, interiormente estamos sempre juntando,

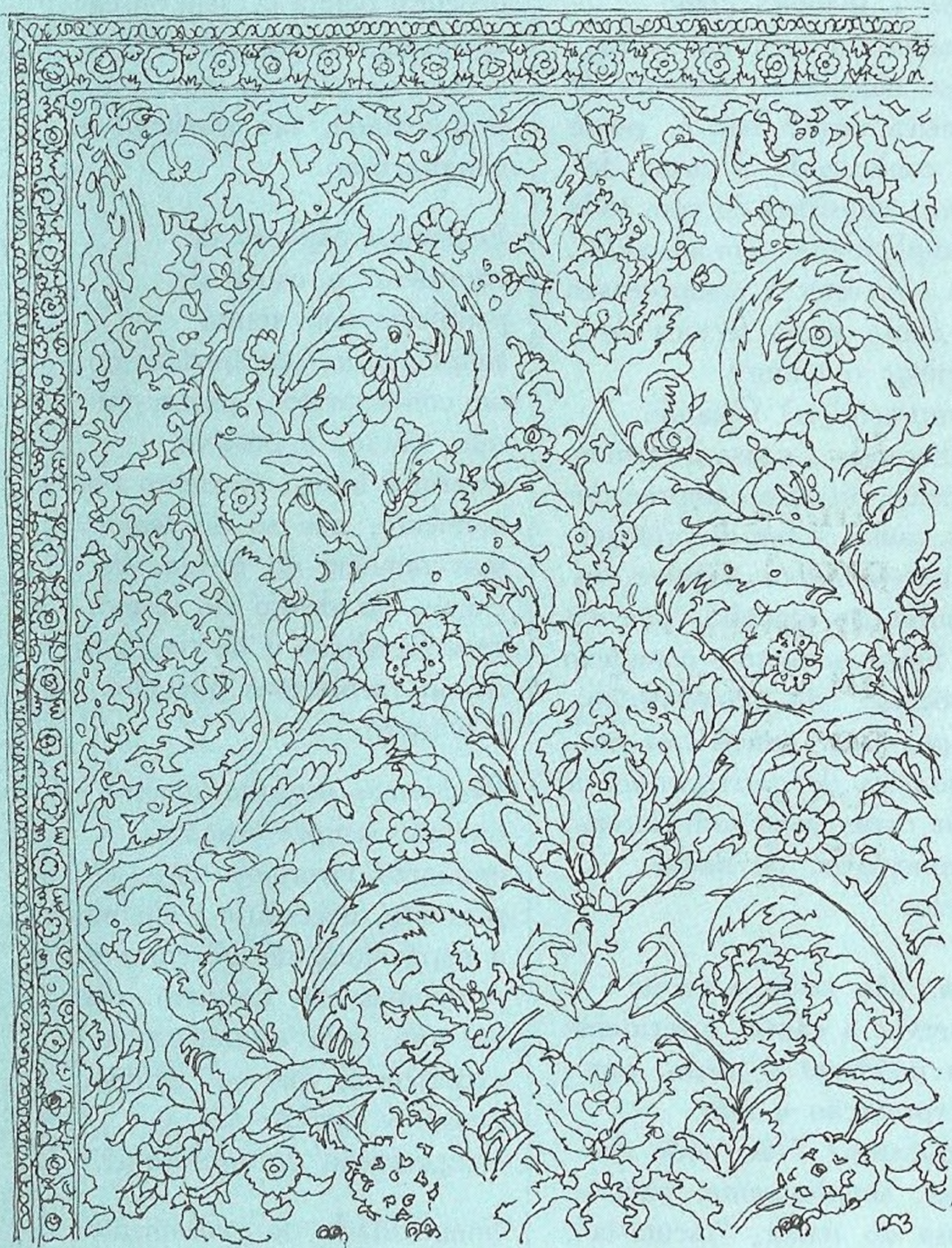
acumulando; estamos cheios de crenças, de dogmas, de toda espécie de experiência e memória, e há em nós um conflito interminável entre as várias necessidades, ânsias, esperanças, desejos. Tudo isso indica, não uma vida simples, mas uma vida interior sobremodo complexa.

Creio, pois, importante descobrir-se por que a mente acumula, tanto consciente como inconscientemente; porque é incapaz de ir ao encontro de cada incidente, de cada reação, como se fosse algo inteiramente novo, original. Por que traduzimos cada experiência de acordo com "o velho", de acordo com o que já é conhecido?

A mente está sempre a acumular experiências, reações, e armazenando-as na memória, com o propósito de servir-se delas, como garantia de sua própria segurança. E a compreensão, a inteligência é resultado de experiências inumeráveis? Ou é a capacidade de olhar as coisas de maneira nova, de encarar a vida momento por momento, sem que a experiência do passado lhe empane a visão?

Consideremos, por exemplo, o problema do temor. Podemos, vós e eu, compreender o temor e dissolvê-lo, sem intrometermos a acumulação do passado? Em geral, temos medo de muitas coisas: do amanhã, do que dizem os outros, da pobreza, da frustração, da morte. Ora, que é esse temor? Não podemos examiná-lo, compreendê-lo de maneira muito simples, e desse modo libertar-nos dele — não para todo o sempre, mas a cada momento, dia por dia — de modo que a mente fique aliviada da ânsia do amanhã? Bem considerado, o temor é uma reação, não é? Fiz algo que me envergonha, cometi um erro que não desejo seja descoberto por outro. O temor, pois, é uma reação, e não adianta lutar contra ele, procurar subjugá-lo, analisá-lo ou evitá-lo.

O medo é o fantasma do meu

Se somos capazes de considerar a causa do problema com muita simplicidade, sem traduzirmos ou condenarmos, então é possível estarmos livres de todos os problemas humanos inevitáveis.

malfeito. O problema, por conseguinte, não é o temor, senão a maneira como considero o meu ato. Ora, posso considerar esse ato de maneira nova? Isto é, posso eu, conhecendo a causa do temor, considerá-lo com toda a simplicidade, sem acumular, sem converter a compreensão da causa numa técnica de dominar o temor? Compreendeis? Quando, conhecendo a causa do temor, a mente procura compreender essa causa, a fim de proteger-se contra *novos* temores, os temores de amanhã, põe ela em funcionamento o complexo "processo" da autoproteção, e, por isso, nunca está em condições de corresponder a cada experiência com clareza, simplicidade, de modo direto.

Ora, não pode a mente observar a causa, o incidente que produziu o medo, sem interpretação e sem julgamento? Não pode ela olhar, simplesmente, para a causa do temor, "escutá-la", deixá-la revelar toda a sua história, sem interpretá-la, sem negá-la ou aceitá-la, sem procurar ocultá-la, sem buscar um abrigo ou fugir-lhe? Daí, a meu ver, é que nasce a simplicidade, tão essencial à compreensão.

Se somos capazes de considerar a causa do problema com muita simplicidade, sem traduzirmos ou condenarmos, parece-me que, então, é possível estarmos livres, momento por momento, não só do temor, mas também da inveja, do ciúme, do desejo de sermos bem-sucedidos e de todos os demais problemas humanos inevitáveis.

Problemas surgirão sempre e teremos sempre reações, enquanto vivermos. Não é, portanto, necessário tenhamos a capacidade de enfrentar os problemas, ao surgirem, dia por dia, sem acumularmos experiência, que nos limita o pensar e impede-nos a compreensão do problema?

Simplicidade de pensamento e de espírito é uma coisa

essencial, mas não pode haver simplicidade enquanto estiver em funcionamento o "processo" acumulador da autoproteção; e esse "processo" de pensamento, visante à autoproteção, existe não apenas no nível consciente, mas também nos diferentes níveis inconscientes do nosso ser.

É por querermos proteger-nos, que o saber e a experiência se tornam tão extraordinariamente importantes em nossa vida. Quando se nos depara um problema, nunca estamos completamente desvencilhados do passado. E é-nos possível — a vós e a mim — aliviar a mente de todo o passado, do saber acumulado de ontem?

Reputo assaz importante examinarmos esta questão e compreendê-la. Com a carga do passado, a mente cria os seus próprios problemas, não é verdade? E pode a mente começar a atender a cada problema de maneira nova, observando-o, ao surgir, sem interpor todas as sombras da passada experiência? Sem dúvida, *este* é que é o nosso problema: considerar cada incidente, cada reação, sem preconceito, sem tendências, sem interpretá-los de acordo com coisas aprendidas, no desejo de nos protegermos.

Pode a mente ficar livre de *tudo isso* e considerar diretamente cada problema que surge? Se pode, então já não há morte, e todos os problemas humanos podem ser resolvidos: mas não para sua satisfação, seu aprazimento. No momento em que introduzimos o desejo de satisfação, começamos a acumular, do que resulta temor. Mas, não nos é possível considerar o problema, qualquer que ele seja, sem julgamento, sem avaliação?

O avaliar um problema implica memória, julgamento, pesar, calcular — e tudo isso indica a constante preocupação da mente de proteger-se. O desejo de nos protegermos, de nos

resguardarmos, tanto é consciente como inconsciente; e, ao se tornar conhecedora de todo esse processo, pode a mente aboli-lo e considerar o problema diretamente? Só pode fazê-lo quando vós e eu compreendemos a necessidade de nos libertarmos do temor.

O medo corrompe e nos ensombra as ações; onde há temor, não há amor. Sabemos disso teoricamente. Temos lido a seu respeito. Quando, porém, estamos cônscios de que tememos inúmeras coisas, não podemos examinar *cabalmente* esse fato? Não podemos descobrir a causa do temor e compreendê-la realmente, sem lutarmos, sem traduzirmos, sem julgarmos ou interpretarmos *o que é*?

E quando a mente está cônscia do *que é*, não apenas no nível consciente, mas como o "processo" total do nosso ser, não há um desafogo, uma libertação da causa que produziu o temor? Mas não há libertação quando não existe a intenção de compreender *o que é*, de observá-lo, de familiarizar-nos com ele, de "escutar" todo o seu conteúdo, observar-lhe o fluir, o movimento.

Vemos, pois, que a simplicidade do pensar não resulta da acumulação de conhecimentos. Pelo contrário, quanto mais sabemos, tanto menos simples é a nossa mente; e a mente tem de ser sobremaneira simples, para compreender o *que é*. *O que é* nunca é a mesma coisa, pois varia de momento a momento, e o seu movimento não pode ser compreendido por uma mente carregada de condenação, julgamento, da ânsia de autoproteção e do temor do futuro.

Acredito ser da mais alta importância descobrir se podemos observar *o que é*, sem sentir desgosto e repulsa. Afinal de contas, que somos nós? Somos o resultado de muitas reações, muitas influências condicionadoras, desejos, temores, — e nessa agitação está sempre envolvida

a nossa mente; sempre batalhando, sempre em conflito. E para se pôr fim a essa luta incessante, a esse sofrimento e dor, não nos cabe compreender, simplesmente, momento por momento, o movimento *do que é?*

Se sou ganancioso, colérico, ou invejoso, devo por certo compreender essa coisa tal como é, em vez de tentar dissolvê-la ou dominá-la; pois a própria ação de dominar é uma luta, um novo conflito, e, por conseguinte, não nos traz nenhuma libertação do *que é*.

Mas se estou cônscio não somente da minha inveja, mas também da sua causa mais profunda, cuja reação ela é, e do desejo de estar livre da inveja; se estou cônscio desse "processo" total, sem julgamento, sem escolha, então, acho que esse percebimento esclarece e dissolve aquela causa. Requer isso, não exercício ou disciplina, mas vigilância por parte da mente; e a mente não pode estar vigilante, se está sempre escolhendo, condenando, julgando, fugindo ou procurando modificar *o que é*.

Simplicidade é compreensão do *que é*. E só há compreensão do *que é* quando a mente desistiu de lutar contra *o que é* e desistiu de moldá-lo de acordo com suas fantasias. Na compreensão *do que é* revelam-se-nos os movimentos do "eu", do "ego"; e isso, certamente, é o começo do autoconhecimento, não só no nível verbal, mas também naqueles níveis em que o "eu" se acha profundamente oculto e de onde sai espontaneamente, nas ocasiões em que relaxamos a vigilância.

Quando estamos cônscios de nós mesmos, não é, todo o movimento do viver, uma forma de revelar o "eu", o "ego"? O "eu" é um processo muito complexo, que só pode ser revelado na vida de relação, em nossas atividades diárias, na maneira como falamos, como julgamos, calculamos, como condenamos

O tempo é a mente, que deseja continuidade. Desejando continuidade na experiência, a mente se torna contínua por meio da memória e, nestas condições, nunca pode achar nada de novo, jamais pode encontrar a realidade, o incognoscível.

a outros e a nós mesmos. Tudo isso revela o estado condicionado do nosso próprio pensar; e não é importante estar-se cônscio de todo esse processo?

Só pela percepção do que é verdadeiro, momento por momento, se dá o descobrimento do atemporal, do eterno. Sem autoconhecimento não pode existir o eterno. Quando não conhecemos a nós mesmos, o eterno se transforma em simples palavra, um símbolo, uma especulação, um dogma, uma crença, uma ilusão em que a mente pode refugiar-se. Se começamos, porém, a compreender o "eu" em todas as suas atividades, dia por dia, então, nessa própria compreensão, apresenta-se, sem nenhum esforço de nossa parte, o inefável, o atemporal.

Mas o atemporal não é uma recompensa ao autoconhecimento. O que é eterno não pode ser procurado; a mente não pode adquiri-lo. Ele se apresenta quando a mente está tranqüila; e a mente só pode estar tranqüila quando é simples, quando já não está armazenando, condenando, julgando, pesando. Apenas a mente simples pode compreender o Real, e não a mente repleta de palavras, de conhecimentos, de ilustração. A mente que analisa, que calcula, não é uma mente simples.

Para ser criadora, a mente tem de estar despojada de todas as suas acumulações; e, sem criação, nossa vida é vazia, ainda que esteja cheia de atividades, de resoluções e determinações, coisas essas de muito pouca significação. Entretanto, a mente que percebe todo esse processo de acumulação para fins de autoproteção, que percebe todo o seu conteúdo, sem procurar alterá-lo ou rejeitá-lo, essa mente, por ser simples, está tranqüila e compreende *o que é*. E nisso há um desafogo extraordinário, uma liberdade em que está a Realidade.

● *Só uma mente tranqüila pode resolver o problema do temor; mas, como pode a mente estar tranqüila quando tem medo?*

Como tranqüilizar a mente a fim de dissolver o temor? E pode a mente que tem medo estar *alguma vez* tranqüila? E a tranqüilidade da mente se obtém por meio de alguma técnica? Afinal de contas, é isto que perturba muita gente: o "como", o método, a técnica de se alcançar um estado de paz.

O "como" implica hábito, a manutenção de certa atitude dia por dia, a repetição de certa ação, a observância de determinado plano, o disciplinar da mente para estar tranqüila. E a tranqüilidade, a serenidade da mente resulta de hábito? É produto de exercício constante? Ou vem tão-somente quando há liberdade, quando há compreensão do *que é?*

Naturalmente, se desejo paz de espírito, não a terei nunca. É por desejar ter uma mente tranqüila que pratico vários exercícios, os quais espero tenham a virtude de realizá-la; o resultado, porém, é uma mente morta. A mente morta está muito tranqüila, mas não pode ser criadora.

Assim, pois, não existe nenhum "como". O que a mente pode fazer é apenas ter consciência de que procura um método *porque* deseja algo. Se desejais enriquecer, juntais dinheiro, selecionais os vossos amigos, circulais no meio de gente que possa ajudar-vos a obter o que desejais. Do mesmo modo, se desejais paz de espírito, se sentis a sua urgência, procurais descobrir o meio de consegui-la: ouvis vários instrutores, praticais disciplinas, ledes certos livros, sempre com a intenção de ter paz de espírito; todavia, vossa mente só se torna embotada.

Se, entretanto, estiverdes cônscio desse "processo" do vosso pensar, na sua totalidade, tanto do processo inconsciente como do consciente; se observardes

todos os vossos pensamentos, momento por momento, sem condenação ou julgamento; se simplesmente observardes cada pensamento que surge, sem o rejeitar ou pôr de parte, achareis então uma liberdade, na qual se torna existente a tranqüilidade, sem volição, e sem nenhuma ação da vossa vontade.

O problema, por conseqüência, não é de como libertar a mente do temor, ou de como tê-la tranqüila, para dissolver o temor, mas: se o medo pode ser compreendido. Embora eu tenha medo de várias coisas — de meu patrão, de minha esposa ou marido, da morte, de perder o meu depósito no banco, da opinião dos meus vizinhos, da frustração, de perder minha importância pessoal — esse medo, em si, é o resultado de um processo total, não é? Isto é, o "eu", o "ego", em sua atividade, "projeta" o medo. A substância é o pensamento concernente ao "eu", e sua sombra é o medo; e, evidentemente, não adianta batalhar contra a sombra, a reação.

O "eu" está-se protegendo, ansiando, esperando, desejando, lutando; e constantemente compara, pesa, julga; aspira ao poder, à posição, ao prestígio, aspira a ser respeitado; e pode esse "eu", fonte do temor, deixar de existir, não para todo o sempre, mas momento por momento? Quando se apresenta o sentimento de temor, pode a mente ficar cônscia dele, examiná-lo sem condenação, julgamento, escolha? Porque, no momento em que começamos a julgar, a avaliar, é uma parte do "eu" que está dirigindo, e, portanto, condicionando o nosso pensamento, não é exato?

Posso, pois, estar cônscio da minha avidez, da minha inveja, momento por momento? Estes sentimentos são expressões do "eu", do "ego", não é verdade? O "ego" é sempre o "ego", *em qualquer nível* que o

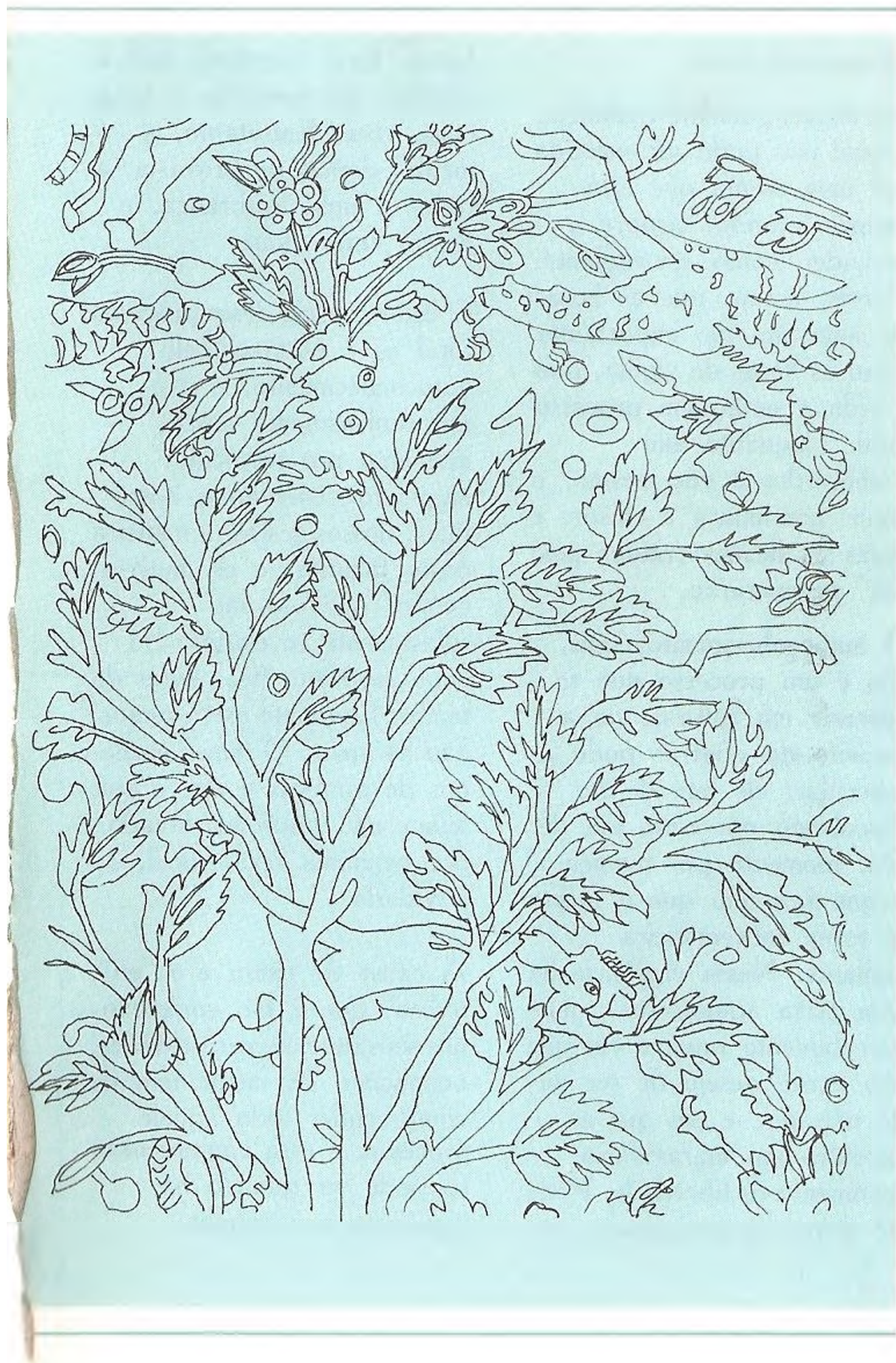
coloquemos. Seja "superior", seja "inferior", o "eu" está sempre compreendido na esfera do pensamento.

E posso eu estar cônscio desses sentimentos, ao surgirem, momento por momento? Posso descobrir sozinho as atividades do meu "ego", quando, por exemplo, converso à mesa, quando jogo, quando escuto, quando me acho num grupo de pessoas? Posso estar cônscio dos ressentimentos acumulados do desejo de causar impressão, de ser *alguém*? Posso descobrir que sou ávido e estar cônscio da minha condenação da avidez? A própria palavra "avidez" é uma condenação, não achais? Estar cônscio da avidez é também estar cônscio do desejo de ficar livre dela, e é perceber porque *desejamos* ser livres dela — é perceber todo o processo.

Isso não é um modo de agir muito complicado; sua significação pode ser apreendida *imediatamente*. Começamos, pois, a compreender, momento por momento, o crescimento constante do "eu", com sua presunção, suas "autoprojeções" — sendo tudo isso, basicamente, fundamentalmente, a causa do temor. Mas se não se pode empreender nenhuma ação para nos libertarmos da causa, o que nos cabe fazer, então, é só estar cônscios dela.

Quando desejamos estar livres do "ego", esse próprio desejo faz também parte do "ego"; tendes, pois, uma batalha constante no "ego", em torno de duas coisas desejáveis, entre a parte que deseja e a parte que não deseja.

Quando nos tornamos cônscios do que se passa no nível consciente, começamos também a descobrir a inveja, as lutas, os desejos, os impulsos, as ansiedades existentes nos níveis mais profundos da consciência. Quando a mente está muito interessada em descobrir o processo total de si mesma, então cada incidente, cada reação transforma-se num

Se desejais descobrir o que é imortal, o que se acha além da mente, então a mente, que é o conhecido, tem de acabar-se; deve morrer para si mesma.

meio de descobrimento, de autoconhecimento.

Isso requer paciente vigilância, a qual não pode ser exercida por uma mente que está sempre lutando, sempre a aprender "como" ser vigilante. Vereis, assim, que as horas de sono são tão importantes como as horas de vigília, pois a vida é então um processo total. Enquanto não conhecerdes a vós mesmo, o temor continuará a existir, e todas as ilusões criadas pelo "eu" prosperarão.

O autoconhecimento, pois, não é um processo que se aprende em leituras, ou a respeito do qual se pode especular: ele tem de ser descoberto por cada um de nós, momento por momento, o que faz com que a mente se torne sobremaneira vigilante. Nessa vigilância há uma certa aquiescência, um percebimento passivo em que não existe desejo de ser ou de não ser, e em que se encontra um maravilhoso sentimento de liberdade. Pode ele durar só um minuto, um segundo, apenas, mas tanto basta. Essa liberdade não é produto da memória; é uma coisa viva. Entretanto, a mente, depois de prová-la, a reduz a uma lembrança, e deseja então *mais*.

O estar cônscio desse processo total só é possível pelo autoconhecimento, e o autoconhecimento nasce momento por momento, enquanto observamos nosso falar, nossos gestos, a maneira como falamos, e os motivos ocultos que nos são subitamente revelados. Só então podemos ficar livres do temor. Enquanto existe temor, não há amor. O temor enche-nos de sombras o ser, e esse temor não pode ser lavado por nenhuma reza, ideal, ou atividade.

A causa do temor é o "eu", o "eu" que é tão complexo nos seus desejos, necessidades, ocupações. A mente tem de compreender todo aquele processo; e essa compreensão só pode vir quando há vigilância sem escolha.

A Busca da Tranqüilidade Mental

Desejo discorrer sobre um problema que considero suficientemente importante: o problema relativo ao impulso constante, existente em cada um de nós, a buscar um estado permanente, livre de toda perturbação. É um problema realmente muito complexo.

Por certo, se queremos compreender um problema muito complexo, requer-se uma certa vigilância, em que a mente esteja passiva, mas não hipnotizada por palavras. Isso não implica de modo nenhum que tenhais de aceitar o que eu digo. Pelo contrário, a mera aceitação ou anuência ao que considerais ser a verdade, não tem significação alguma. O que tem significação é que descubrais por vós mesmos o que é verdadeiro; e não podeis descobrir o que é verdadeiro, se vossa mente está sempre agitada pela comparação, ou pelo lembrar-vos do que outra pessoa disse ou do que lestes em vários livros. Tudo isso tem de ser posto de parte, inteligentemente, para que se possa ouvir com um percebimento passivo, em que

não haja "autoprojeção", nem espírito defensivo ou antagônico.

Não podemos descobrir o que é verdadeiro, quando estamos excessivamente ansiosos ou de algum modo agitados. O perceber a verdade relativa a qualquer coisa, requer uma atenção especial, não achais? Uma atenção isenta de esforço, como acontece quando estamos escutando algo que realmente nos agrada.

Não estamos nós, em maioria, buscando a permanência, em diferentes níveis da nossa consciência? Se somos puramente mundanos, queremos permanência no nome, na forma, em nossa boa aparência, em nossa mobília, na propriedade. Isto é, o desejo procura um estado permanente onde não haja perturbação de espécie nenhuma; e se somos muito superficiais, procuramos aquela permanência na ordem social, da esquerda ou da direita.

Se não estamos sujeitos a essa espécie de mundanidade, buscamos então a permanência no que chamamos amor, nas relações com certas pessoas; e se vamos além, buscamo-la na crença, nas idéias, no saber, no dogma, na tradição. E há também o desejo de encontrar uma permanência em que não haja ação da nossa parte. A mente diz: "Deponho a minha vontade nas mãos de Deus; ele sabe mais, portanto deixemo-lo operar". Imolamo-nos ao que consideramos ser Deus, ou à idéia do grupo, da nação.

Quer as nossas atividades sejam impostas pelas circunstâncias exteriores, quer, por nós mesmos, em virtude do temor, da esperança, das várias formas de ilusão utópica — o desejo fundamental é de encontrar uma permanência na qual a mente possa refugiar-se e sentir-se em segurança.

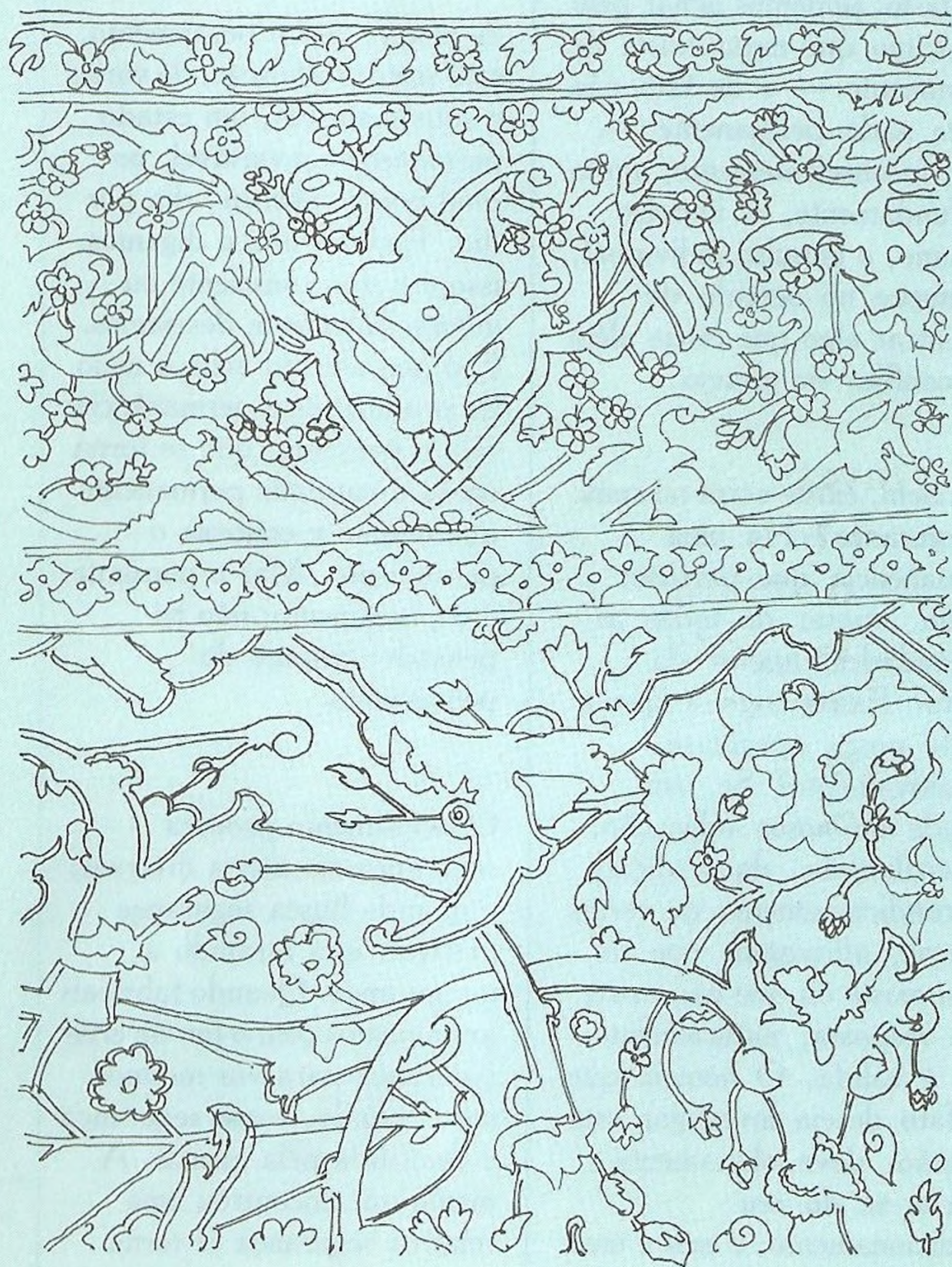
O desejo, pois, constantemente busca um estado de permanência, um estado em que encontremos

completo preenchimento, por meio da propriedade, de pessoas ou de idéias, e no qual a mente *nunca* possa ser perturbada. Não é isso o que nós, em geral, consciente ou inconscientemente, procuramos? Desejamos preencher-nos, encontrar segurança permanente, e esse próprio impulso suscita ansiedade, temor e várias formas de atividade destrutiva, que procuramos então reformar, controlar, disciplinar.

Ora, é possível à mente não buscar permanência, não aspirar a um estado que ela concebeu como o estado de felicidade, de Realidade? Pode a mente ser livre da experiência de ontem, de modo que não esteja condicionando permanentemente o presente? E há alguma ação, algum "estado de ser" não oriundo do desejo, que transcenda o tempo e seja sem continuidade?

Para descobrir se existe esse estado, a mente, sem dúvida, deve investigar e compreender o processo do seu próprio desejo. Enquanto buscamos qualquer espécie de permanência, de segurança, toda experiência se transforma em obstáculo à compreensão mais profunda, todo saber constitui um empecilho a novos descobrimentos. Por conseguinte, se vós e eu desejamos descobrir se existe ou não o atemporal, temos em primeiro lugar de compreender por que a mente procura, através da propriedade e das relações, uma crença, uma condição na qual possa permanecer em segurança, dia após dia. Qualquer que seja o disfarce, é isso, em essência, o que buscamos, não é?

Nossa vida é muito complexa, fluida, variável; há incerteza, dor, tristeza. Compreendendo tudo isso, desejamos, consciente ou inconscientemente, o oposto, algo inteiramente distinto do *que é;* por isso, edificamos igrejas, aspiramos a Utopias, e vivemos apegados a dogmas

O medo existe em diferentes níveis do nosso ser; há o medo do passado, o medo do futuro e o medo do presente, que é a verdadeira ânsia dos viventes. Ora, que é esse medo? Não é produto da mente, do pensamento?

e crenças. Podemos reconhecer a falácia de tudo isso e, conscientemente, rejeitá-lo; podemos achar pelo raciocínio que nada existe de permanente — e de fato *não existe* nada permanente — mas, inconscientemente, muito profundamente, o impulso humano, o impulso individual, é sempre no sentido de encontrar algo que esteja além do conflito do desejo.

Ora bem, existe coisa tal como a segurança? Há uma permanência que persiste, eterna, apesar de todas as calamidades, apesar da morte? Existe algo a que a mente possa apegar-se definitivamente? Se, em virtude da nossa educação, da civilização, da tradição, do condicionamento de certas crenças, afirmamos que tal coisa existe ou que não existe, essa resposta, naturalmente, não é válida. O homem que de fato deseja investigar esta questão, deve obviamente libertar-se do seu condicionamento; e esta é uma das nossas maiores dificuldades, não achais?

A mente, que é pensamento, está sempre a buscar, de várias e sutis maneiras, um estado permanente, invariável, no qual possa subsistir, dia por dia. Embora não o digamos, isso é o que consciente ou inconscientemente desejamos. E o pensamento acha o meio de produzir esta permanência: cria o pensante, que se torna então a entidade permanente que orienta e controla o pensamento. Mas o pensante *é* o pensamento; não há pensador distinto do pensamento.

O pensamento procura segurança em níveis diversos; e quando busca segurança exterior, está atraindo a insegurança. Quando fabricais armamentos com o fim de criar segurança para vós mesmos, neste mundo, vossa segurança é destruída pela guerra. A mente que encontrou uma relativa segurança se torna

conservadora, deseja reter, consolidar, continuar a ser como é, sem perturbações; modifica-se apenas debaixo de compulsão, quando a pressão do inevitável a obriga a fazê-lo. Mas não existe essa coisa chamada segurança, permanência, isto é, um estado de inalterável conservação.

Interiormente, psicologicamente, todo o processo da memória, que é acumulação de experiência, de conhecimentos, é um meio pelo qual o "eu", o "ego", pode achar segurança e perpetuar-se. Profundamente instalado, lá está o desejo de preencher-nos, e por isso tentamos várias formas de preenchimento, várias atividades, tarefas, funções. *Pode haver*, porém, preenchimento para o "ego"? Posso preencher-me, em algum tempo? Certo, o "eu" é só uma idéia, não tem realidade.

O "eu" que busca a prosperidade, a riqueza, posição, prazer; o "eu" que está sempre evitando a dor, que se esforça constantemente para aumentar, vir-a-ser, crescer — essa entidade não é mais do que uma idéia, um desejo que se identificou com uma dada forma de pensamento.

Existe, pois, em algum tempo, preenchimento para vós e para mim? E enquanto cada um de nós se está esforçando para preencher-se, somos antagonistas, estamos em competição uns com os outros. Desejais preencher-vos pela beleza, pela harmonia, e eu desejo preencher-me pela violência, pela irresponsabilidade, pela chamada liberdade. Não estamos em antagonismo um com o outro? Vós buscais a paz, eu sou ambicioso. Podem, o homem que busca a paz e o homem ambicioso, viver juntos, na mesma ordem social?

Buscar preenchimento na paz ou noutra coisa qualquer não

significa ser pacífico, e enquanto cada um de nós estiver em busca de preenchimento, haverá conflito. E entretanto, para a maioria de nós, o desejo de preenchimento é um impulso intenso, exigindo satisfação a qualquer preço. Em todos os diferentes níveis do nosso ser, despertos ou dormindo, estamos constantemente a buscar um estado de todo imperturbável, uma continuidade de pensamento, como "eu" — o "eu" que possui experiências, o "eu" que tem sofrido, o "eu" que acumulou tanta ilustração e saber.

Não tendo encontrado segurança exterior, passa o "eu" a procurar aquele estado noutros níveis, além do nível superficial. Por isso, meditamos para alcançar a paz, para termos uma mente tranqüila. Pensamos que a mente tranqüila irá dar-nos o estado de permanência que não encontramos em nenhuma outra direção; e apresenta-se-nos, aí, a pergunta: "*Como* posso estar tranqüilo?"

Começa, assim, um problema inteiramente novo, com o qual ficamos a debater-nos.

Sem dúvida, o pensamento que deseja estar tranqüilo *nunca* pode libertar-se do conflito, visto ser ele o próprio foco do "eu". É o pensamento identificado como "eu" que se identifica com o grupo, com a nação. Procurais esqueer o "eu", atirando-vos a esta ou àquela atividade. O "eu" é esquecido, mas resta a atividade. Sendo, como é, uma fuga ao "eu", a vossa atividade tem de ser protegida; e há, assim, antagonismo, há batalha entre várias atividades, entre vários grupos nacionais.

E se não vos entregais a alguma atividade, ou ao nacionalismo, vos tornais um ente religioso, identificando-vos com determinada crença, que se torna então *imensamente* importante, porque sois parte dela.

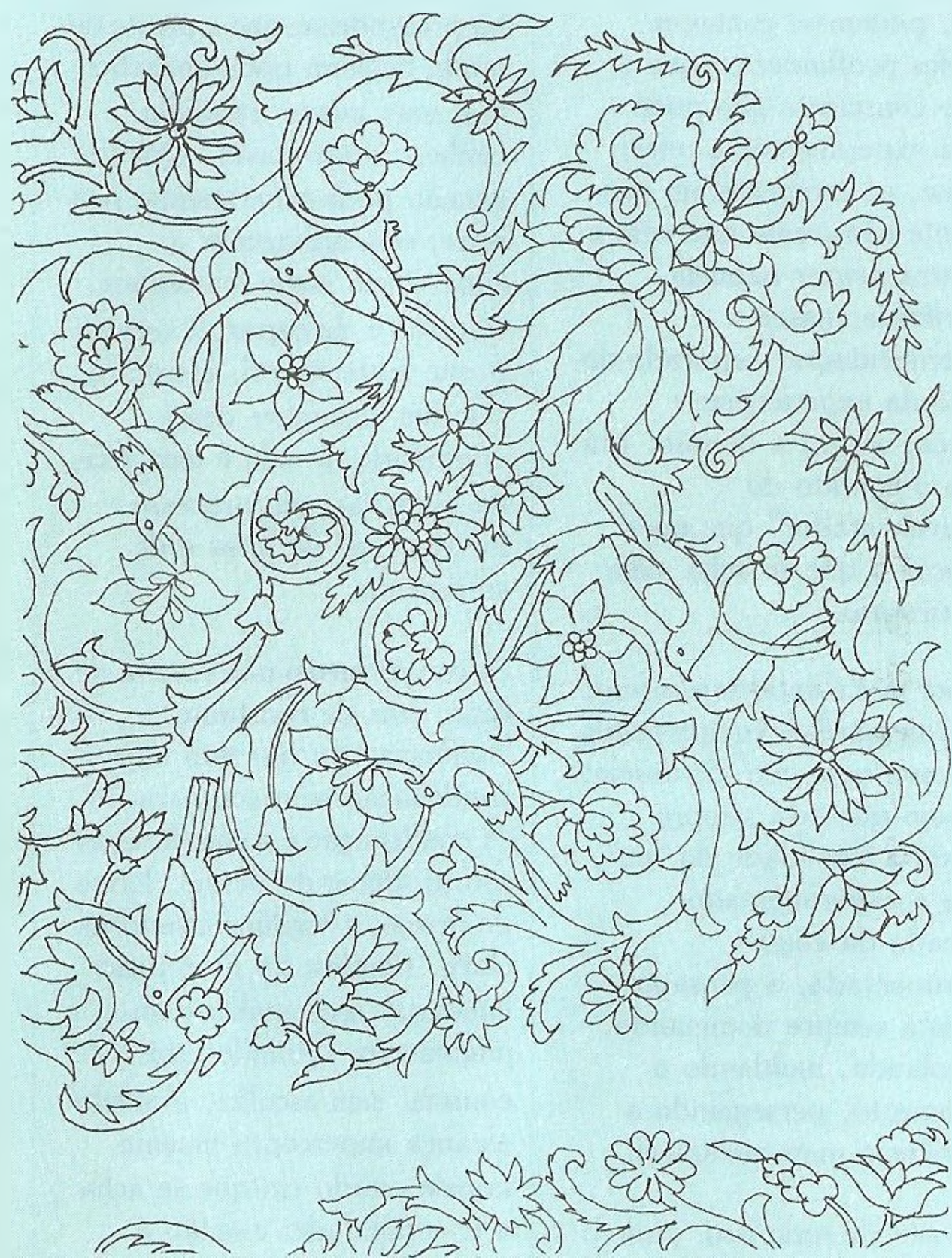
Ora, sem excesso de pormenores, tudo o que acabo de dizer é uma descrição fiel

de um fato óbvio; e se percebeis realmente a verdade do que digo, vossa mente já não se acha, por certo, consciente ou profundamente, em busca de *nenhum* estado: vai começando a tornar-se cônscia de todas as coisas, conforme surgem, e procurando compreendê-las, sem armazenar essa compreensão para uso futuro. Há, pois, certo sentimento de liberdade, e quando alcançardes esse ponto, verificareis como se desenvolve uma ação não originária do desejo.

De ordinário, só conhecemos a atividade do desejo, que é a atividade da mente, identificada como "eu". Esse "eu" é muito insignificante, muito limitado, estreito, superficial; ainda que possa expandir-se consideravelmente pela identificação, ele continua sempre muito superficial e, por conseguinte, nunca pode achar o que é real. A mente mesquinha que busca Deus, encontrará um deus também mesquinho. A mente superficial, por mais que discipline a si mesma e declare que *deve* amar, ser compassiva, bondosa, afável, continuará muito superficial.

Agora, se a mente perceber a verdade relativa a tudo isso, então, talvez, venha a descobrir um estado inteiramente diferente, um estado de silêncio, que não é "autoprojeção", que não é produto de nenhum desejo, compulsão, ou temor. Nesse silêncio não existe atividade da mente, e por conseguinte não há continuidade. O que é contínuo resulta do tempo, é um "processo" de tempo. O tempo *é* a mente, que deseja continuidade. Desejando continuidade na experiência, a mente se torna contínua por meio da memória, e, nessas condições, nunca pode achar nada novo, jamais pode encontrar a realidade, o incognoscível.

A mente, pois, é resultado do tempo, produto da memória, do conhecimento, da experiência; e pode essa mente, estando cônscia de todo o seu próprio "processo", deixar de

A pessoa verdadeiramente religiosa não é aquela coberta por uma crosta de crenças, dogmas, rituais. A pessoa religiosa não tem crenças; vive de momento a momento... descobrindo o novo.

"projetar" e permanecer em silêncio? Nesse silêncio, por certo, podem-se conhecer grandes profundezas, que a mente consciente não pode nunca experimentar e reter; porque, no momento em que a mente consciente intervém e encontra prazer naquela experiência, nasce o "experimentador" separado do objeto da experiência; e começa, assim, a divisão. Há então o conflito do "experimentador" que quer alcançar o que se acha além dele próprio.

Eis por que é importantíssimo, assim me parece, compreender todo esse "processo" do desejo: o desejo que está sempre criando a dualidade do "eu", que é o experimentador separado da coisa experimentada, o pensador que está sempre dominando, controlando, moldando o pensamento, perseguindo a experiência mais aprazível.

Em vista de tudo isso, pode o pensamento, que é um processo muito complexo, terminar, para haver tranqüilidade mental? Nessa tranqüilidade, há profundezas que a mente de modo nenhum pode conceber; mas uma mente tranqüila conhece essas coisas. Quando a mente pode experimentar sem reter, sem armazenar a experiência como lembrança, só então é ela capaz de receber o que é atemporal, eterno; e, sem um vislumbre dessa eternidade, a vida é uma série de lutas vãs, um processo interminável de lutas e de sofrimento.

A compreensão não resulta de fuga, mas de constante vigilância, em que não haja condenação nem comparação. A condenação e a comparação são produtos do desejo. Livre de desejo, a vigilância se torna clara, simples; há percepção imediata, sem análise nem julgamento. Quando está cônscia, sem escolha, a mente alcança imperceptivelmente aquele estado em que se acha a tranqüilidade; e então é possível a existência da Realidade.

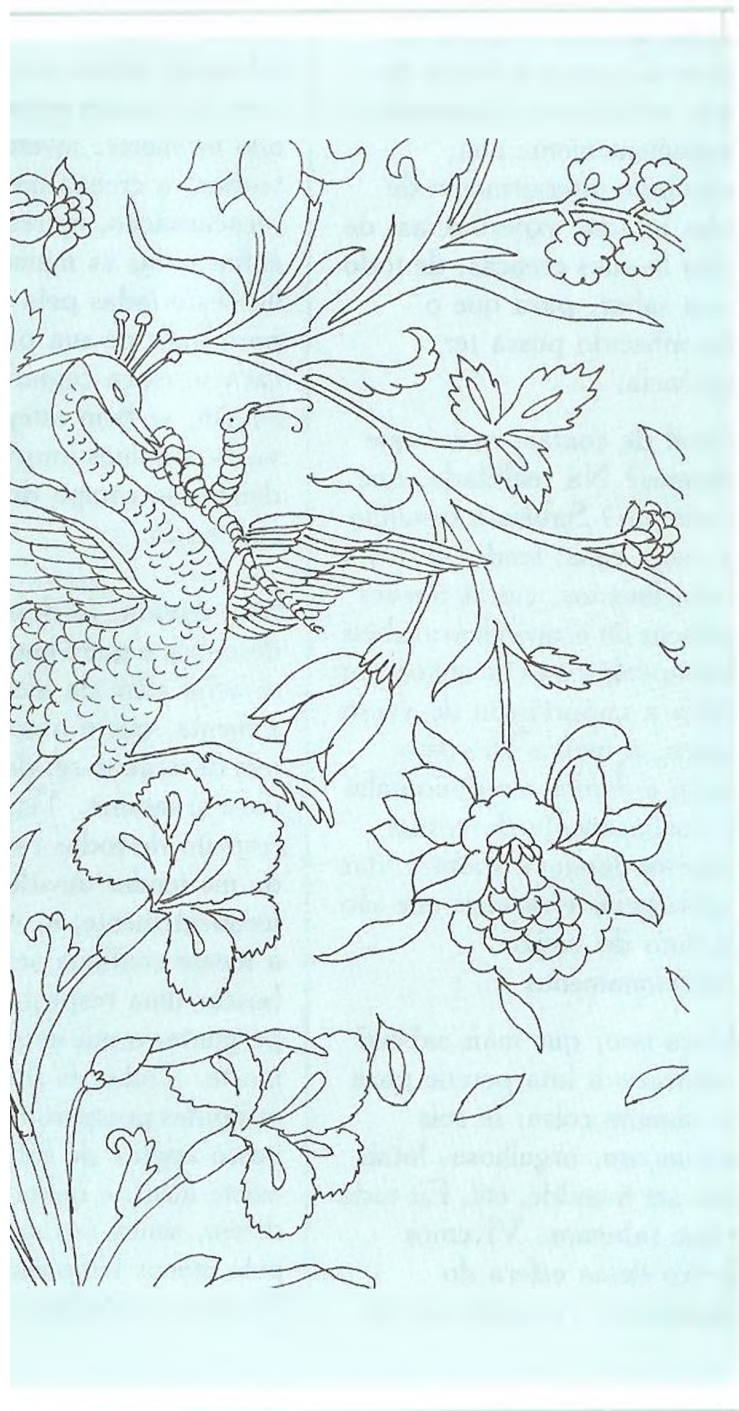
● *Que significação tem a morte física na vida do indivíduo? Não é ela a grande libertadora de todas as nossas misérias?*

A morte resolve-nos todos os problemas? E por que é que tantos de nós tememos a morte? Quanto mais velhos ficamos, tanto mais ansiosos nos tornamos. Por quê? E a morte, a terminação do estado físico, dissolve os nossos complexos pensamentos? O pensamento não tem continuidade? Ele pode não continuar em mim; o pensamento, porém, é contínuo; e o pensamento, que é contínuo, nunca pode encontrar alívio das suas misérias.

Assim, pois, temendo a morte, nutrimos teorias, esperanças de continuidade; dizemos que deve haver reincarnação, que devo renascer para ter uma oportunidade maior na próxima vida. Não me acabo. E qual é o valor de todas as minhas acumulações, dos conhecimentos e experiências que acumulei, se não puder preencher-me na próxima vida, ou ressuscitar no futuro, ou encontrar um lugar no céu?

Estamos sempre com medo do desconhecido, do amanhã, e por isso nos pomos a procurar meios e modos de evitar aquele findar. Ou, ainda, raciocinamos logicamente, dizendo que tudo se acaba e renasce; morro, decompondo-me fisicamente, para que possa renascer sob outra forma, ou animar outra entidade. Por meio da razão e da lógica, transcendemos o temor da morte, e ficamos satisfeitos. Ou, também, satisfazemo-nos com a crença numa vida futura, em algo posterior à morte, a que a mente possa apegar-se.

A mente, pois, está perenemente em busca de sua própria continuidade; mas o que é contínuo é o "conhecido", e o conhecido jamais pode encontrar o incognoscível. Este é que é o nosso problema, não achais? Em plena vida, estamos morrendo, pois somos resultado do conhecido. Nunca, por um momento, rejeitamos todas as coisas que conhecemos e nos despojamos

Falar de Deus, sem ter uma mente de todo livre, é o mesmo que pessoas adultas se entreterem com brinquedos; e quando nos entretemos com brinquedos e chamamos a isso de religião, estamos criando mais confusão, causando mais sofrimento.

Falar de Deus, sem ter uma mente de todo livre, é o mesmo que pessoas adultas se entreterem com brinquedos; e quando nos entretemos com brinquedos e chamamos a isso de religião, estamos criando mais confusão, causando mais sofrimento.

completamente do passado; nunca deixamos a mente ser vazia totalmente, consciente e inconscientemente nua, despojada interiormente de todas as suas experiências, de todas as suas crenças, de todo o seu saber, para que o desconhecido possa ter existência.

Afinal de contas, que é que sabemos? Na realidade, que sabeis vós? Sabeis o caminho de vossa casa; tendes certos conhecimentos, certas noções políticas ou econômicas; sabeis desempenhar-vos de um cargo; sabeis a importância do vosso seguro, a marca do vosso carro; e tendes um pouquinho de conhecimento de vossos próprios desejos e apetites, das experiências e reações que são produto do vosso condicionamento.

Afora isso, que mais sabeis? Conheceis a luta perene para *ser* alguma coisa: se sois presunçoso, orgulhoso, lutais para ser humilde, etc. Eis tudo o que sabemos. Vivemos dentro dessa esfera do "conhecido", o conhecido de prazer e de dor. E com *uma tal* mente procuramos convencer a nós mesmos de que não há morte, inventando teorias, a crença na reencarnação, na ressurreição, enfim todas as inumeráveis ilusões criadas pela mente, para fugir de sua própria característica cognitiva. Assim, se bem estejamos vivos, estamos morrendo dentro do campo do conhecido.

Sem dúvida, se desejais descobrir o que é imortal, o que se acha além da mente, então a mente, que é o conhecido, tem de acabar-se; deve morrer para si mesma. Tendes lido a respeito de todas essas coisas, ou me tendes ouvido frequentemente; e, entretanto, a mente continua sempre a buscar uma resposta, a perguntar o que existe além da morte. Todas as sociedades estúpidas prosperam à custa do vosso apetite de saber o que existe além; e quando vo-lo dizem, sentis-vos satisfeito, pelo menos temporariamente. Porém, o problema real, o

temor ao desconhecido, persiste, como uma úlcera.

Nessas condições, compreendendo que a mente apenas funciona dentro do campo do conhecido, não podemos permanecer completa e passivamente cônscios do conhecido, sem fazermos nenhum movimento positivo para dentro do desconhecido? Isso significa: estar aberto à morte, ao desconhecido, ao Real. Significa que prosseguimos com o conhecido pela melhor maneira que podemos e conhecemos *perfeitamente* as suas limitações; e, conhecendo-as, não há "projeção" no futuro, no amanhã. Não há mais medo ao desconhecido; a morte já não é uma coisa temível; o que não significa termos agora uma nova teoria, uma nova explicação e que devemos instituir novos grupos para discutir sobre o que existe além, pois isso é infantil.

Mas, quando reconhecemos as limitações da mente, do conhecido; quando percebemos que somos limitados, e estamos cônscios disso totalmente, isto é, tanto conscientemente como nas camadas mais profundas da nossa consciência, — há uma completa cessação da atividade da mente; a mente, como pensamento, como "eu sei", deixa de existir. Há então a possibilidade de manifestar-se o desconhecido.

Mas não podeis chamar o desconhecido; não podeis chamar Deus, a Verdade, ou que nome lhe deis. O que se conhece é purgatório, é inferno; o desconhecido é o céu. Mas o incognoscível nenhuma relação tem com o conhecido; só se manifesta quando a mente está *de todo* tranqüila. A mente como pensamento deve deixar de existir, deve morrer, e só então pode surgir a Realidade Eterna.

completamente do passado; nunca deixamos a mente ser vazia totalmente, consciente e inconscientemente nua, despojada interiormente de todas as suas experiências, de todas as suas crenças, de todo o seu saber, para que o desconhecido possa ter existência.

Afinal de contas, que é que sabemos? Na realidade, que sabeis vós? Sabeis o caminho de vossa casa; tendes certos conhecimentos, certas noções políticas ou econômicas; sabeis desempenhar-vos de um cargo; sabeis a importância do vosso seguro, a marca do vosso carro; e tendes um pouquinho de conhecimento de vossos próprios desejos e apetites, das experiências e reações que são produto do vosso condicionamento.

Afora isso, que mais sabeis? Conheceis a luta perene para *ser* alguma coisa: se sois presunçoso, orgulhoso, lutais para ser humilde, etc. Eis tudo o que sabemos. Vivemos dentro dessa esfera do "conhecido", o conhecido de prazer e de dor. E com *uma tal* mente procuramos convencer a nós mesmos de que não há morte, inventando teorias, a crença na reencarnação, na ressurreição, enfim todas as inumeráveis ilusões criadas pela mente, para fugir de sua própria característica cognitiva. Assim, se bem estejamos vivos, estamos morrendo dentro do campo do conhecido.

Sem dúvida, se desejais descobrir o que é imortal, o que se acha além da mente, então a mente, que é o conhecido, tem de acabar-se; deve morrer para si mesma. Tendes lido a respeito de todas essas coisas, ou me tendes ouvido frequentemente; e, entretanto, a mente continua sempre a buscar uma resposta, a perguntar o que existe além da morte. Todas as sociedades estúpidas prosperam à custa do vosso apetite de saber o que existe além; e quando vo-lo dizem, sentis-vos satisfeito, pelo menos temporariamente. Porém, o problema real, o

temor ao desconhecido, persiste, como uma úlcera.

Nessas condições, compreendendo que a mente apenas funciona dentro do campo do conhecido, não podemos permanecer completa e passivamente cônscios do conhecido, sem fazermos nenhum movimento positivo para dentro do desconhecido? Isso significa: estar aberto à morte, ao desconhecido, ao Real. Significa que prosseguimos com o conhecido pela melhor maneira que podemos e conhecemos *perfeitamente* as suas limitações; e, conhecendo-as, não há "projeção" no futuro, no amanhã. Não há mais medo ao desconhecido; a morte já não é uma coisa temível; o que não significa termos agora uma nova teoria, uma nova explicação e que devemos instituir novos grupos para discutir sobre o que existe além, pois isso é infantil.

Mas, quando reconhecemos as limitações da mente, do conhecido; quando percebemos que somos limitados, e estamos cônscios disso totalmente, isto é, tanto conscientemente como nas camadas mais profundas da nossa consciência, — há uma completa cessação da atividade da mente; a mente, como pensamento, como "eu sei", deixa de existir. Há então a possibilidade de manifestar-se o desconhecido.

Mas não podeis chamar o desconhecido; não podeis chamar Deus, a Verdade, ou que nome lhe deis. O que se conhece é purgatório, é inferno; o desconhecido é o céu. Mas o incognoscível nenhuma relação tem com o conhecido; só se manifesta quando a mente está *de todo* tranqüila. A mente como pensamento deve deixar de existir, deve morrer, e só então pode surgir a Realidade Eterna.